

## PROVÍNCIA DE TETE

Intervenção de saudação à população na inauguração da Estrada Mussacama-Calómue, no Posto Administrativo de Mussacama, distrito de Moatize – 7 de Maio de 2006

### (Palmas)

*Mussacama hoye!*

*(Hoye!)*

*Mussacama hoye!*

*(Hoye!)*

*Zóbue hoye!*

*(Hoye!)*

*Moatize hoye!*

*(Hoye!)*

*Tsangano hoye!*

*(Hoye!)*

*Tsangano hoye!*

*(Hoye!)*

*Angónia hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Muito Bom dia! (Bom dia! Palmas)*

Primeiro gostaria de agradecer a simpática população de Mussacama. Nós chegamos a pouco tempo e logo fomos envolvidos com o vosso carinho, com a vossa amizade e com o vosso entusiasmo. Por sorte, logo a chegada tivemos a evocação dos nossos antepassados. Os antepassados de todos nós, até Mussacama, para poderem juntar-se a nós neste momento de festa. Porque são eles que nos deram esta terra. São eles que nos deram a força para nós lutarmos pela nossa liberdade. E são eles que vão continuar a dar-nos a força para podermos livrarmo-nos da pobreza. E agora estamos aqui, todos juntos, a celebrarmos uma ocasião muito importante para a vida do nosso País. Muito importante para todos Moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo, que é a inauguração da Estrada que sai de Mussacama até Calómue. Para isso eu gostaria, primeiro por agradecer ao Banco Africano de Desenvolvimento. Este banco tirou o seu dinheiro, emprestou a Moçambique para podermos ter essa estrada asfaltada. Com alcatrão. Sem esse dinheiro continuaríamos a andar na estrada de terra batida. Com areal. Com lama. Com as dificuldades que nós conhecemos. Os moçambicanos vão pagar, mas vale a pena pagar!

Quero também agradecer aqueles que construíram a estrada. Não basta vontade, não basta dinheiro. É preciso que essa vontade e esse dinheiro se transformem em asfalto ao longo dos 162 Km. Para construir a estrada, muitos abandonaram o conforto das suas famílias e estiveram aqui durante semanas. Durante meses. Longe daquilo a que eles estão habituados e que muitos gostam. Quero também saudar aqueles que fiscalizaram o trabalho para garantir que a estrada fosse aquela que nós queríamos. Aquela que nós pedimos. Aquela que solicitamos.

Quero ainda agradecer a Província – a província de Tete – que acompanhou todo o processo e muito particularmente o distrito de Moatize, o distrito de Tsangano e o distrito da Angónia que facilitaram o trabalho da construção. Mas sobretudo porque compreenderam a importância da obra. Porque sabem que na estrada passam pessoas e transmitem mensagens. Mensagens que vem da Angónia. Mensagens que vem de Tsangano. Mensagens que chegam a Moatize. Mensagens de todo o País e que juntam mais Moçambique porque são pessoas... são pessoas preocupadas com o bem-estar desse nosso grande Povo. Pela estrada passam também produtos. Aquilo que se produz depois de muito transpirar. Comida e outras mercadorias para permitir que as populações desses 3 distritos possam viver bem. E essa estrada também facilita a comunicação entre Moçambique e os países vizinhos. Por isso, queria agradecer todos aqueles interessados que fizeram com que a nossa estrada acontecesse.

Agora temos a estrada. Agora temos essa riqueza nas nossas mãos. Essa riqueza é de cada um nós. É de cada povoação que está ao longo da estrada. É de cada escola que escola que está perto da estrada. É de cada hospital que escola que está perto da estrada. Isso porque a estrada está para servir exactamente esses. O meu apelo é que saibamos defender este nosso País. O Governo preocupa-se em criar condições cada vez melhores para o seu povo. Esta é uma forma de dar ao povo um instrumento para combater a pobreza. Mas para acabar com a pobreza, nós precisamos de muito mais. Mas do muito mais que nós precisamos, uma delas é manter esta estrada boa. Esta estrada em condições de continuar a realizar a sua missão, a sua função. Por isso, o nosso apelo é que todos defendamos esta estrada. A estrada naturalmente traz coisas boas. Mas as vezes, facilita algumas coisas más. Através da estrada pode passar mais rapidamente, e passar mais rapidamente às populações o SIDA. O SIDA mata, não escolhe: Homem. Mulher. Até criança. Jovem. Adulto. SIDA mata! E quando mata as pessoas, quer dizer vamos ter menos escolas no país, porque as escolas sem professores.... Quando mata vamos ter menos hospitais no país. O hospital sem enfermeiro não trabalha. Quando mata quer dizer vamos ter menos barracas que tem os produtos que nós precisamos. Quando mata quer dizer que vamos ter menos motoristas, menos mecânicos para transportarem as pessoas, para transportar os produtos. Por isso, usemos com cuidado esse bem que nos é dado. Esse bem que é construído por nós. Usemos como instrumento de combate a pobreza. Usemos como instrumento para o desenvolvimento. Para o desenvolvimento dos Moçambicanos. Muito obrigado pela vossa pacificação...

Mas queria, antes de acabar, de fazer-vos conhecer alguns dirigentes nossos. Dirigentes que se preocupam para acabar com a pobreza no País. E quando trabalham, o resultado são estradas. O resultado é comida. O resultado é educação. Escola. O resultado é melhorar constantemente a vida do nosso querido povo!

## COMÍCIO NO BAIRRO DE M'PÁDUE, CIDADE DE TETE – 7 DE MAIO DE 2006

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete hoye!*

*(Hoye!)*

*Cidade de Tete hoye!*

*(Hoye!)*

*Município de Tete hoye!*

*(Hoye!)*

*M'pádue hoye!*

*(Hoye!)*

*M'pádue hoye!*

*(Hoye!)*

*M'pádue hoye!*

*(Hoye!)*

*Muito boa tarde!*

*(Boa tarde!)*

A primeira coisa que nós temos a dizer, e com muito prazer, é agradecer a simpática população da cidade de Tete. Desde a nossa chegada no aeroporto, até hoje, por todo o lado onde passamos, sentimos o calor, a amizade, a simpatia, que são exprimidos através de canções. Através de danças. Através de vários gestos de amizade. Por isso tudo, nós queríamos agradecer a simpática população da bela cidade de Tete! **(Palmas)**

Queremos também agradecer pelo facto de nas ocasiões que nós tivemos a oportunidade de inaugurar as vossas realizações – lá naquela zona da água: tanto em Chingozi como na Josina Machel; e mesmo aqui na Fábrica de processamento de tabaco – ter havido uma cerimónia nossa. Uma cerimónia de evocação dos nossos antepassados. Essa cerimónia é importante, porque nos lembra que nós temos raízes. Que nós viemos de algum lado. E é importante para uma pessoa sempre saber que tem um passado. Também que vem de algum lado – anos atrás, e sobretudo na condução do seu passado. Orgulhar-se do seu passado, porque o passado significa aquilo que nós éramos antes de sermos aquilo que nós somos hoje. Se não tivesse existido o passado, nós que estamos aqui não estaríamos. Se os nossos pais não existissem, não tivessem existido, nós não teríamos nascido. Se os pais dos nossos pais não tivessem nascido, os nossos pais não teriam nascido. E os pais dos pais dos pais dos nossos pais não tivessem existido, nós não haveríamos de existir. **(Palmas)**

E são esses nossos avós; são esses nossos pais, que nos deixaram esta grande riqueza. Esse nyanga que a gente dança aqui. Essas canções que nós cantamos. É dado pelas

nossas raízes. Essa terra que nós temos. Que nasce tudo: pedra, árvore, milho. E lá em baixo, até carvão! É dado pelos nossos antepassados. Esse rio grande aqui, chamado Zambeze – um grande rio em todo o continente africano. Não há ninguém no mundo que conhece geografia, que não sabe que existe um rio chamado Zambeze – é dado pelos nossos antepassados. Por isso, nós temos que estar orgulhosos de nós mesmos. Do nosso passado. Dos nossos antepassados e daquilo que deixaram para nós. É por isso mesmo, que temos que ser capazes de salvar tudo aquilo!

Os nossos antepassados não são somente aqueles que deixaram Tete para nós. Também aqueles que deixaram Manica para nós, são nossos antepassados. Também aqueles que deixaram Zambézia para nós, são nossos antepassados. Aqueles que deixaram Niassa. Aqueles que deixaram Cabo Delgado. Aqueles que deixaram Nampula. Aqueles que deixaram Inhambane. Aqueles que deixaram Gaza. Aqueles que deixaram Cidade de Maputo. Aqueles que deixaram a Província de Maputo. Todos eles se juntam em festa porque os seus filhos hoje estão a aprender a lutar contra a pobreza. Estão a aprender a resolver melhor os seus problemas. Por isso, quando fizeram a cerimónia, eu disse: **isto é bonito! Não nos esquecemos das raízes!** É muito bom isso! **(Palmas)**

Mas como todos sabem, podem imaginar, eu tenho algumas preocupações. Mas antes de eu apresentar as minhas preocupações, vou apresentar-vos alguns dirigentes do nosso País. Eu sei que conhecem. Aqui em Tete lê-se jornal, não é? Lê-se jornal!? Não lêem jornal? Aqui vê-se televisão. Aqui ouve-se rádio, não é verdade? Então conhecem! Mas mesmo assim, é bom verem mais uma vez, ao vivo! Um deles começou a história da Frelimo. Muitos aqui não tinham nascido, mas os pais deles e os avós deles lutavam contra a dominação estrangeira porque os estrangeiros não deixavam fazer aquilo que nós queremos, com aquilo que os nossos antepassados deixaram para nós. E então, eles lutavam. Lutavam, mas não tinham conseguido a vitória. Não tinham conseguido a vitória porque cada um lutava com a sua arma e do seu lado. Não juntavam as armas. Não juntavam os lados, até que apareceu um homem chamado Eduardo Chivambo Mondlane, e juntou todos Moçambicanos. Todos moçambicanos para lutarem contra o colonialismo! **(Palmas)**

E essa luta foi bem decidida. Uma das pessoas que estive com Eduardo Mondlane a pensar nessas coisas, a fazer essas coisas, hão-de ver aqui também. Por isso, vou dar a palavra aos meus companheiros. **(Palmas)**

(Seguem-se as apresentações)

(...) A nossa preocupação é ver em quanto estamos. Em que ponto estamos na luta contra a pobreza. Primeiro, notamos que há muito trabalho que está a ser feito. Vemos que as populações trabalham muito no campo. Vemos também que as populações trabalham muito na pesca. Vemos que a população – apesar de ter havido seca; havido falta de chuva – foi capaz de vencer as dificuldades nas zonas secas. Vimos também que em muitos lugares, há muitas escolas. Vimos ainda que em muitos lugares, há postos de saúde. Vimos também que em muitos lugares, há estradas. E vimos também que em alguns lugares, há energia. E em poucos lugares, há telefone.

Quando chegamos aqui na cidade, vimos que está-se a fazer muito para melhorar as condições da vida. O Presidente do Conselho Municipal explicou uma parte. E nós vimos no caso da água. Já podemos ter água 24 horas. Já podemos ter água mais pura. Também tivemos oportunidade esta tarde, esta manhã, inaugurar a fábrica de processamento de tabaco. É uma fábrica nova. É uma fábrica que emprega todo o tempo centenas de Moçambicanos. E é uma fábrica que emprega de tempos em tempos

dois mil moçambicanos. Isso ajuda a resolver os problemas. Os problemas de pobreza. Vimos ainda mesmo aqui em frente a fábrica, uma construção que está a nascer. É a universidade! Quer formar ao mais alto nível a nossa população. Mas sabemos que não é a única. Há mais outras, tudo aqui dentro da cidade. Isso é para dizer que desde que chegamos aqui, vimos que há muita coisa que aconteceu.

Mas o nosso objectivo sempre, é ver onde é que nós estamos no caminho da luta contra a pobreza. Apesar de termos conseguido isso, ainda há muita gente que não tem onde ficar. Ainda há muitas crianças que não têm escola. Ainda há muitos Moçambicanos que não têm emprego. Ainda há muitos lugares que não têm estrada. Há muitos lugares que não têm energia, apesar de produzirmos energia aqui! Mas há muita gente que não tem energia. Ainda há muita gente que não tem telefone. Isto é, a nossa luta contra a pobreza está a avançar, mas ainda não chegamos lá onde nós queremos. Ainda não chegamos lá onde queremos. Ainda não chegamos ali onde todos os Moçambicanos vão ter escola. Ali onde todos os doentes vão ter hospital. Ali onde toda a população vai ter pelo menos chapa. Ali onde todos Moçambicanos vão ter água. Ali onde todos os Moçambicanos vão ter energia. Ali onde todos Moçambicanos vão ter telefone. Ainda falta isso! Por isso, ainda continuamos a lutar contra a pobreza. Continuamos a lutar para acabar o sofrimento do nosso povo! Continuamos a lutar para vencer o sofrimento!

Nós temos sorte, porque temos inspiração. Temos raízes e sabemos para onde queremos ir. E essa inspiração, ao longo da nossa História, foi nos ensinando lições. Lições importantes. Uma das lições é de que sozinhos não fazemos nada! Temos que estar unidos: do Rovuma ao Maputo, do Zumbo ao Indico! Unidos é que podemos avançar.

Segundo lugar, e quando nós queremos uma coisa. Quando os Moçambicanos querem uma coisa, eles conseguem alcançar. Unem-se e lutam para alcançar essa coisa. São como um bom aluno, que quando quer passar de classe, estuda. Estuda, estuda - e vai passar de certeza. Vai passar de certeza. É como um camponês. Quando quer comer, vai a machamba. E com a sua enxada ou com a sua charrua, cultiva, cultiva, cultiva, sementeira, sacha, espanta pássaros, até sair cereal. Tal como aquele que quer alcançar aquilo que quer, construindo uma casa, que trabalha para ter a casa própria.

Os Moçambicanos quando querem resolver um problema, já sabem o que fazer. São as lições da nossa História! Unem-se, todos eles do Rovuma ao Maputo. Lutam para alcançar. Foi assim no passado. Lutamos todos nós. Tiramos o colonialismo, porque estávamos unidos. Porque estávamos juntos. Porque queríamos acabar com o colonialismo. Foi assim no passado muito recente. Havia guerra neste País. Quando quisemos acabar com a guerra, juntamo-nos todos. De todo lado. Nas cidades; campo; nas bases; os que estavam refugiados; todos juntaram-se. E guerra acabou! E estamos a viver em Paz! **(Palmas)**

Os moçambicanos sabem onde vão buscar a sua força, as suas raízes, a sua unidade, o seu querer, a sua vontade de fazer as coisas. E agora, nós também devemos juntar. Aprender das nossas raízes. Da nossa unidade. Do nosso querer, para combatermos aquilo que resta para chegarmos a acabar com pobreza. Queremos acabar com a pobreza! Mas para acabarmos com a pobreza, precisamos também de outra coisa. Essa deve ser a missão que nós aprendemos hoje: trabalhar! Trabalhar! Ter cultura de trabalho! Não ter medo de trabalhar! Trabalhar. Trabalhar mesmo! Não correr para greve. Trabalha primeiro! **(Palmas)**

Está a cultivar a machamba, e faz greve: como é que vai ter comida? É preciso trabalharmos! É preciso trabalharmos! É preciso trabalharmos! Se nós trabalharmos muito, não-de ver. Não-de ver aquilo que vamos alcançar. Será mais fácil encontrarmos os preços justos. Será mais fácil encontrarmos o salário justo. Mas, se tivermos medo de trabalhar, antes de pisar a água, havemos de fugir. Antes de começar a pegar nas máquinas, havemos de fugir. E nenhum patrão quer o trabalhador dessa maneira!

Nossas raízes. Unidos, querendo e trabalhando, vamos acelerar a luta contra a pobreza. Conseguimos muito, mas falta muito mais! Se buscarmos as nossas raízes, estarmos unidos do Rovuma ao Maputo, querendo e trabalhando, a pobreza vai cair mais cedo!

Essas eram algumas preocupações que eu tinha. Mas eu sei que não é bom eu só trazer minhas preocupações. Eu também devo ouvir as vossas preocupações. As vossas preocupações ajudam-nos a ver o caminho. A ver o caminho correcto, para podermos alcançar o nosso objectivo de, unidos, alcançarmos os nossos objectivos. Por isso, eu vou dar palavra a dez cidadãos. Dez cidadãos. Eu sei que nós em Tete falamos muito. Mas eu gostaria que falássemos muito mesmo, mas não repetindo muito. Cada um fala uma coisa. Outro fala outra coisa. Outro fala outra coisa, para sairmos pelo menos com dez lições. Para caminharmos todos juntos, com as mesmas raízes. Unidos, querendo e trabalhando acabarmos com a pobreza! **(Palmas)**

## **COMÍCIO DA LOCALIDADE DE NKANTHA, POSTO ADMINISTRATIVO DE MUALADZI, DISTRITO DE CHIFUNDE – 5 DE MAIO DE 2006**

(...)

Eles cultivam muito. Cultivam muito. Tem muita machamba. Trabalham muito, mas também dançam bem. E quando é para dançar Nyau ai ai ai ai... **(Palmas)**

Quando eu cheguei aqui, tanta gente! Tanta amizade. Tanta dança. Tanta canção. Muita produção. Eu disse: hum aqui só mesmo em Moçambique! **(Palmas)**

Por isso, queria agradecer por essa vossa grande recepção e por essa grande amizade com esse grande calor moçambicano. E também, porque quando chegamos fomos recordar os nossos antepassados. Aqueles que nos deixaram esta terra. Aqueles que nos deixaram essas árvores. Aqueles que nos ensinaram a nossa língua. Aqueles que nos ensinaram a dançar. Aqueles que nos ensinaram que nós temos que estar independentes. Aqueles que nos ensinaram que nós temos que acabar com a pobreza! É muito bom aqui. Eles estão connosco aqui. Eles dizem que as suas crianças estão a continuar o trabalho deles!

**Zicomo kwa mbiri! (Palmas)**

O segundo... é para apresentar. Sabem que Moçambique é muito grande, vai do Rovuma até Maputo. Sai do Indico, no mar lá, até Zumbo! Passa por Mualádzi. Passa por Nkhanta. Tudo isso é Moçambique. Moçambique que nós temos, falam-se muitas línguas. Uns falam Chichewa. Outros falam Nyungue. Outros falam Chi-Sena. Outros falam... muitas línguas!

Em Moçambique nosso, dançam-se muitas danças. Há muitas danças. Desde o Rovuma até ao Maputo são muitas danças. No Moçambique nosso, há várias tradições. E isso

tudo junta-se para fazer Moçambique forte. É por isso que Moçambique é forte. É por isso que os Moçambicanos quando querem fazer uma coisa conseguem. Quando quiseram acabar com o colonialismo, o colonialismo acabou! Porque os Moçambicanos são muitos, tem muitas culturas que são unidos. Quando juntam isso tudo, acabaram com o colonialismo. Quando juntam isso tudo, acabaram com a guerra. Havia guerra neste País. Os Moçambicanos juntaram, acabou a guerra!

Agora há inimigo. Agora há inimigo também. E o inimigo é a pobreza! Os Moçambicanos também vão juntar-se de novo. Vão juntar-se de novo. Vamos acabar com a pobreza. Mas para isso tudo acontecer, é preciso haver caminho. Tem que ter direcção. Aqueles que mostram os caminhos. Aqueles que indicam para onde se deve ir, desde o período da Luta de Libertação Nacional até hoje. Aqueles que unem todos os Moçambicanos. Aqueles que de manhã pensam no Povo. A tarde também continuam a pensar no Povo. E a noite quando vão dormir continuam a pensar no Povo. Querem o bem do povo. Há uma direcção, unindo do Rovuma até ao Maputo. Por isso, eu vou apresentar alguns desses dirigentes nossos. Dirigentes vossos para se apresentarem!

(seguem-se as apresentações. Mas durante a apresentação de Marcelino dos Santos, o Presidente da República referiu:

O camarada Marcelino dos Santos é um dos fundadores da Frelimo. Trabalhou com Mondlane. É daqueles que pensaram como libertar Moçambique para sair o colono. **(Palmas)**

E ele ainda hoje continua a trabalhar. Não está cansado, porque enquanto o povo estiver a sofrer, ele vai estar sempre a trabalhar. O povo está no coração. Não pode descansar enquanto o povo estiver a sofrer...

(...Após todas as apresentações feitas)

Os moçambicanos do Rovuma ao Maputo, do Índico até ao Zumbo, quando querem uma coisa, unem-se e alcançam essa coisa. Mesmo que essa coisa seja difícil. Mesmo que pareça impossível alcançar essa coisa. E dou-vos dois exemplos. O primeiro exemplo. Neste país quem governava eram estrangeiros – não eram Moçambicanos – durante quinhentos anos. Mas os Moçambicanos decidiram que basta. Uniram-se do Rovuma até Maputo e afastaram o colono. Afastaram a dominação estrangeira e nós ficamos livres! Mas nós estávamos livres para quê? Para que o povo escolhesse o que quer. Para que o povo decidisse o seu futuro. Naquele tempo, quem decidiam eram os outros. Então, a partir daí passamos a ser nós a decidir. E assim começamos a construir o nosso País!

Mas depois veio a guerra. A guerra paralisou tudo. Nas estradas não se passava. Nas escolas não se estudava. Nos hospitais não se tratava. Nas casas não se dormia, por causa da guerra! E o povo disse basta! Vamos acabar com isto! E do Rovuma ao Maputo, do Índico ao Zumbo, passando por Chifunde. Passando por Macanga. Vindo da Angónia. Vindo de Tsangano. Vindo de Tete. Em toda a parte diziam não queremos guerra!

Os Moçambicanos quando não querem uma coisa, não querem! Unem-se e a guerra acabou! A guerra acabou! Aqueles que estavam nas cidades, abraçaram-se. Aqueles que se encontravam nas vilas, abraçaram-se. Aqueles que se encontravam nas bases, também se juntaram. Aqueles que estavam no Malawi ou os que se encontravam na Zâmbia, como refugiados, também se juntaram. E a paz chegou no País! E o povo unido todo ele! Unido todo ele do Rovuma até ao Maputo! Porque é lá onde está a nossa força: na unidade! Afastou a guerra!

Mas ainda temos inimigo. Ainda temos inimigo. E o nosso inimigo – o inimigo de todos os Moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo, até passarmos por Zumbo – é a pobreza. É a pobreza! **(Palmas)**

A pobreza o que é?

É não termos aquilo que precisamos e que é fundamental para a nossa vida. Não ter comida, é pobreza. Não ter roupa, é pobreza. Não ter água, é pobreza. Não ter hospital, é pobreza. Não ter escola, como dizem aqui, escola secundária - é pobreza. Não ter estrada, é pobreza. Não ter energia, energia... é pobreza. Não ter telefone...telefone, poder falar daqui para Tete, é pobreza! **(Palmas)**

Alguns moçambicanos têm umas coisas, mas não tem outras. Por isso, são pobres também. E então, a nossa luta é para todos os moçambicanos deixarem de ser pobres. Mas para combater a pobreza, temos que ter em conta algumas coisas. A primeira, e que é fundamental é acreditarmos que podemos acabar com a pobreza. Assim como os Marcelinos, que viram aqui, naquele tempo em que não existíamos como País, acreditaram que o colonialismo vai sair e juntaram-se. Eram poucos, mas porque acreditavam, o colonialismo saiu!

Para a fome, para a pobreza acabar, temos que acreditar que nós vamos acabar com a pobreza. E nós temos sorte hoje, somos independentes! Nós temos sorte hoje, temos paz!

Nós temos sorte hoje, somos muitos! Somos muito mesmo! Então, nós podemos vencer a pobreza, uma vez que nós estejamos unidos! E uma vez que acreditemos que somos nós,

com as nossas mãos que vamos empurrar a pobreza para longe de nós. Somos nós, com as nossas danças, quando batemos o tambor e tiramos poeira, que vamos afastar a pobreza! E somos nós, quando nos lembramos dos nossos antepassados. Da nossa cultura. E vamos usar isso. E vamos utilizar isso, para acabar com a pobreza. Sobretudo, somos nós, com o nosso trabalho. Com o nosso trabalho. Com paciência, que vamos acabar com a pobreza!

Primeira coisa, temos que acreditar. Aqueles que não têm telefone, porque são pobres, vão ter um dia telefone. Aqueles que não têm transporte, porque são pobres, vão ter um dia o transporte. Aqueles que não têm escola, e um dia vão ter. Aqueles que não têm hospital, como aqui temos um hospital pequenino, e um dia vamos conseguir ter um hospital grande. Através do nosso trabalho. Através da nossa dedicação. Temos que acreditar nisso! Temos que acreditar nisso!

Em segundo lugar. Temos que compreender que o caminho que nos leva a fonte de água, o caminho que nos leva a fonte de água, não é directo. Tem curvas, não é assim? No meio há árvores. As vezes há cobras. Mas é o caminho que nos leva para a fonte de água! Não podemos largar. Se estamos num lugar onde há animais, no caminho que nos leva a fonte de água as vezes passa cobra; as vezes aparece um animal – leão; as vezes largamos o caminho e procuramos a maneira para afastar aquelas coisas que tapam o nosso caminho. Em certos lugares, lá na fonte de água, existem crocodilos. Mas nós não deixamos de ir buscar água, porque ali tem água. Também nós, para acabarmos com a pobreza, vamos continuar a encontrar muitas dificuldades. Haverá muitas curvas. Hão-de aparecer cobras. Hão-de aparecer leões. Mas mesmo assim, não podemos desistir. Não podemos desistir, porque nós queremos a água! Sem água não se vive. E nós queremos acabar com a pobreza!



Com pobreza há falta de estradas. Com pobreza, há falta de escolas e nós queremos ter escola. Nós queremos ter estrada. Nós queremos ter hospital. Por isso, nós temos que persistir e avançar! Eu sei, que nós aqui temos dificuldades. Algumas delas já foram referidas na vossa boa mensagem. E eu quando ouvi aquilo que diziam aqui. Quando ouvi aqui aquilo que os vossos dirigentes nos disseram – sobre os problemas que têm – e quando ouvi as vossas forças, eu disse: ah nós temos sorte! O nosso povo sabe o que quer. O nosso povo sabe o que quer. E sabendo o que quer, está pronto para lutar para ter essa coisa. O nosso povo não quer ser pobre. Quer ter melhor hospital. Temos sorte! **(Palmas)**

Por isso mesmo, eu sinto-me também como pessoa de sorte. Eu posso contar convosco na luta contra a pobreza. E assim se estivermos todos juntos, quando surgir uma dificuldade, juntos vamos remover essa dificuldade. **(Palmas)**

Quando aparecer uma cobra, juntos vamos afastar a cobra. **(Palmas)** Quando aparecer crocodilo, junto vamos retirar o crocodilo! **(Palmas)**

Por isso mesmo, por isso mesmo, eu queria pedir-vos, aqui: Me ajudem! Com os vossos conselhos. Com a vossa experiência, a mostrar o caminho. Como é que nós podemos fazer para avançarmos mais rapidamente, com paciência, A .... todos nós, chegarmos lá onde está a fonte de água? Todos nós, podermos ter telefone. Termos estrada. Termos transporte. Termos hospital. Termos escola. Eu vou pedir cinco cidadãos. Cinco cidadãos, para virem aqui ajudar-nos, com o seu conhecimento. **(Palmas)**

Quero pedir-vos uma coisa. Os cinco cidadãos que hão-de vir aqui: pode ser homem. Pode ser mulher. Pode ser jovem. Pode ser adulto. Mas seria bom que não repetisse aquilo que o outro disse. Cada um fala e o outro não repete, para ensinar-me mais para sabermos mais coisas. Se todos repetirem a mesma coisa, nós sairemos daqui sabendo uma coisa. Mas se cada um dos cinco falar coisa diferente, sairemos pelo menos com cinco coisas!

*Chifunde hoye!*

*(Hoye!)*

*Mualádzzi hoye!*

*(Hoye!)*

*Macanga hoye!*

*(Hoye!)*

*Macanga hoye!*

*(Hoye!)*

*População de Nkhanta hoye!*

*(Hoye!)*

(Após as intervenções dos cidadãos)

Muito obrigado! Realmente a população nossa sabe o que quer. E sabe para onde quer ir e apresenta as suas preocupações livremente. Eu apreciei bastante os conselhos que me deram aqui. Os ensinamentos que nos transmitiram. É pena que não haja muito tempo, porque certamente que haveria ainda mais coisas. Quero agradecer aqueles companheiros que vieram aqui falar, e que ajudaram-nos a compreender melhor.

Aqui falaram da situação da polícia, e que a polícia é pouca. Que a polícia anda a pé e

quando muito de bicicleta. Aqui falaram das situações das casas dos professores, que são cobertos de capim e que seria melhor que fossem cobertos de chapa, uma vez que vocês garantem a construção utilizando tijolo. Aqui falaram também da situação do hospital. Que o hospital é pequeno e não tem ambulância e que não tem enfermeira. Aqui falaram ainda da falta de armazém, o lugar onde possam comprar todas as coisas que precisam.

Falaram ainda de falta de bomba de combustível, assim como de loja de bebidas. Ainda falaram de problemas de ligação entre a população com a empresa. Disseram que a empresa antiga ajudava a limpar a estrada, que a nova empresa não ajuda nessa parte. Falaram ainda da necessidade de chapas para as escolas – uma repetição! E depois um assunto sobre o qual muitos insistiram é da relação da população com a empresa tem a ver com o preço do tabaco. E o preço do tabaco, acham que a classificação não é a mais adequada... **(Palmas)**

Disseram ainda que os trabalhadores da empresa têm agora menos trabalho do que tinham. E ainda se referiram a necessidade de a empresa ter mais água do que hoje. Aqui na sede no acampamento só temos uma fonte de água. Pediram que houvesse mais. E falaram também de energia no hospital, onde acabou o tempo de funcionamento da bateria. E falaram das latrinas do hospital.

Naturalmente não vou responder o que estiveram a dizer aqui. Mas posso comentar algumas coisas. Antes de comentar vou dizer que tudo o que foi dito está registado. **(Palmas)** Os meus conselheiros ali estiveram a falar com alguns que aqui estiveram a falar. Por exemplo, um companheiro que disse que tinha dados. Eles estão a estudar isso para analisarmos melhor. Mas havia de dizer, portanto, alguns comentários:

O primeiro comentário é que as vossas intervenções mostram que não querem continuar a ser pobres. **(Palmas)**

E isso reforça a minha convicção de que unidos poderemos vencer a pobreza! A segunda questão. É correcto que quando acham que uma coisa está incorrecta, não está a funcionar, digam. E fizeram muito bem! Mas também, e prestem muita atenção: nem tudo aquilo o que parece, é exactamente aquilo que parece! A vocês parece que a DIMON foi tirada, porque eles dizem isso. Mas a DIMON não foi tirada daqui!

**(Palmas)**

A DIMON informou-nos e saiu. A DIMON informou-nos que ia sair. Disse que tinha dificuldades de trabalhar. Foram dizer-nos isso em Maputo. Foram dizer isso em Tete. Escreveram-nos carta a dizer nós vamos sair. Saíram daqui, mas também saíram de Niassa. (...)

## COMÍCIO DE CHICOMPHENDE, DISTRITO DE CHANGARA – 18 DE ABRIL DE 2007

*Povo Moçambique unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambique unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete hoye! (Hoye!)*

*Changara hoye! (Hoye!)*

*Changara hoye! (Hoye!)*

*Chicomphende hoye! (Hoye!)*

*Chicomphende hoye! (Hoye!)*

*Muito bom dia! (Bom dia!)*

Eu estou a ver que estamos de facto em festa. Quando eu vejo as pessoas, a população de Changara – e em particular a de Chicomphende – alegre isso mostra também que há festa. Porque festa é alegria. Não alegria de um ou de dois. Alegria de todos nós. E eu notei isto desde a nossa chegada ontem em Changara e hoje também ao chegar aqui. Vimos as danças; as mensagens das danças, e vimos que em tudo isso se valoriza o ser moçambicano. Se celebra a moçambicanidade. Se valoriza este maravilhoso povo, o maravilhoso povo moçambicano. Por isso, eu também estou satisfeito porque estamos em festa.

Quero aproveitar saudar e agradecer este entusiasmo, mas também a oração que aqui foi dirigida. Nós quando andamos temos que saber para onde vamos. E as vezes nós não vemos onde nós vamos. Mas queremos chegar lá. Mas precisamos de ser iluminados. Precisamos de ser mostrado o caminho e o caminho ficar mais claro. E a oração ajuda-nos exactamente a ver mais claro, porque nós sabemos que não há marcha fácil quando queremos chegar a felicidade. A marcha é difícil. As dificuldades aparecem: o cansaço, o sol, a chuva, o vento, até os animais... Mas nós temos que vencer. Temos que persistir. Temos que ter certeza que vamos chegar lá, andando, marchando. Por isso mesmo, o osso caminho iluminado – queremos agradecer a oração que foi feita!

Também queria agradecer as ofertas... Muito obrigado! **(Palmas)**

Muito obrigado!

Eu tenho duas preocupações. A primeira preocupação é de que este ano, no próximo ano, e no outro ano, temos eleições. Quando nós temos eleições costumam aparecer dúvidas e problemas. Alguns não sabem qual é a importância de eleições. Alguns não compreendem que as eleições têm por objectivo escolher aqueles que vão fazer aquilo que a gente quer. Por isso aparecem várias pessoas. Uns dizem: **se eu ganho as eleições não vai pagar impostos! hospital vai encher aqui; escola... até universidade vai entrar aqui; quando alguém acorda de manhã quer entrar para universidade, só entra só!** Estão a prometer. Os outros prometem outras coisas. Mas nós temos sorte em Moçambique. Já nos conhecemos. Quando alguém diz uma coisa, já sabemos para onde vai. Por isso, nas eleições que nós temos é importante valorizar a nossa

experiência e o nosso conhecimento. Eu não quero falar muito porque já recebi lições vossas nas canções. Estava a ouvir muitas lições aqui, portanto não vou avançar muito. Só vou pedir duas coisinhas. A primeira. Para votar tem que estar recenseado. Tem que ter cartão de eleitor. Pode falar, falar muito, mas se não tem cartão de eleitor não pode votar. Para votar é preciso estar recenseado. Nós sabemos situações nas eleições passadas de pessoas que até mobilizaram. Mas quando chegou o dia das eleições, metia a mão no bolso e não tinha nada. Não tinha cartão de eleitor. Só falava, falava, falava, falava,... mas não tinha cartão de eleitor. É como quem diz: **vamos comer, vamos comer, vamos comer. Onde está comida? Está ali, está preparada já!** E vão para lá onde está carne. Faca não tem. Volta. Aqueles que têm faca comem. Este é um problema.

É melhor preparamo-nos já moçambicanos. Todos nós termos cartão de eleitor. Este ano haverá muito movimento para as pessoas se recensearem para terem cartão de eleitor.

A segunda questão pequena que eu estava a dizer é que é preciso que no dia das eleições, consideremos como dia importante. Há pessoas que no dia da eleição acorda e diz eu vou visitar fulano de tal. E vai visitar. Quando volta, o dedo não está pintado. E nem deixou o outro pintar o dedo. Votação é um dia só. Neste dia se chove, se há sol, se há vento – é só um dia só. Não podemos distrair-nos. Não podemos distrair-nos. Porque aquele que não escolhe, aquele que não vota, deixou de dizer alguma coisa. E qualquer cidadão quer alguma coisa. Quer desenvolvimento. Esta é a primeira parte da minha intervenção. A segunda parte eu hei-de vir daqui a pouco. Eu gostaria de apresentar os dirigentes que estão comigo para também conhecerem.

(seguem-se as apresentações)

O primeiro portanto é: vamos ter eleições. Devemos recensear. E devemos naquele dia votar. Só um dia só. A segunda mensagem que queria apresentar é de que para nós o distrito é o centro. Moçambique é grande. Do Rovuma ao Maputo. Do Indico ao Zumbo, tudo isto dentro de Moçambique. Moçambique tem muita gente. Moçambique tem cidades. Moçambique tem o campo também. Mas acontece que em todo o Moçambique há um problema comum. O problema comum é a pobreza. No passado também aconteceu isso. Todos os moçambicanos terem um problema comum e este problema comum ser o mais importante. Naquele tempo lá para os anos 60, o problema comum é que Moçambique era dominado por estrangeiros. Havia colonialismo aqui. Nós temos a terra. Nascemos na terra mas não podíamos decidir aquilo que nós queríamos com o nosso próprio país. Com a nossa própria vida. Quem fazia isso eram estrangeiros. Que vinham e decidiam. E estes estrangeiros não gostavam de nós. Não gostavam de nós. Então o problema que nós tínhamos era de fazer com que Moçambique volte para a mão dos seus filhos. Isto é, tirar o colonialismo. Este era o problema comum. E este problema comum foi resolvido a partir de 1962 até 1974-75 através da Luta de Libertação Nacional. A Frelimo dirigiu o povo e disse: vamos trabalhar para tirar o estrangeiro e voltarmos a ser nós a dirigirmos. E ganhamos. E ganhamos. E ganhamos mesmo!

Depois disso apareceu um outro problema comum. De todos os moçambicanos. Do Rovuma ao Maputo, do Zumbo ao Indico. Este problema era o problema da guerra. Da guerra. Guerra de desestabilização. Os moçambicanos não podiam andar livremente na sua terra. Não podiam cultivar livremente na sua terra. Até o gado era-lhes roubado na sua própria terra. As crianças não podiam estudar livremente na sua terra. Os doentes não podiam ser tratados livremente na sua própria terra. Este era um problema de

todos os moçambicanos. Íamos para Maputo a lamentação era essa. Íamos para Niassa, a mesma lamentação. Íamos para Nampula, a mesma coisa. Íamos para Sofala, também. Aqui em Tete, a mesmíssima coisa. Era o problema comum e igual para todos. E todos queriam a mesma solução. Acabar com a guerra. Então, os moçambicanos trabalharam e a guerra acabou. A guerra acabou! Já estamos não sei quantos anos...quantos anos? Quinze anos! Ok, vamos fazer quinze não em Outubro. Não há guerra. Era o problema comum que todos queriam resolver. Vencemos.

Agora há um problema comum que ainda continua. Esse já vem de há muito tempo, mas não se podia enquanto no país quem mandasse fossem estrangeiros, ou enquanto no país houvesse guerra. Esse problema vem de há muito tempo. A Independência e a paz abrem oportunidade para resolvermos. É a pobreza. A pobreza. Não nos enganemos. Podemos ver alguns a andar de carro e concluímos que aquele não é pobre. É pobre sim senhora. É pobre sim senhora. Quando ele está doente, no hospital onde ele vai tratar-se, não tem tudo aquilo que ele precisa. Quando ele quer viajar, não viaja a vontade porque as vezes não há transporte. É pobre sim senhora. A família dele, os pais dele, os irmãos dele passam fome. As vezes só ele sozinho é que tem comida boa. Só ele sozinho é que tem carro. Mas os irmãos não,. Vão para casa dele pedir. É rico esse? **(Não!)**

É pobre sim senhora! Todos os moçambicanos sofrem de pobreza, mesmos aqueles que parecem que não sofrem. Então é problema comum esse. É problema comum. Queremos remover. Mas como remover a pobreza? Como remover a pobreza? Há muitas maneiras. Mas há certos aspectos que são centrais:

Primeiro, é passar para o distrito o combate contra a pobreza. Estamos no distrito. Vamos combater a pobreza. Combater a pobreza significa o quê? Ter garantia de escola. Ter garantia de hospital. Ter garantia de maternidade. Ter garantia de chapa. Ter garantia de ambulância. Poder ter telefone. Poder ter energia. Isso é que é combater a pobreza. Mas nós não temos tudo isso hoje. Nós não temos tudo isso hoje. Viver numa casa melhorada. Uma casa melhorada. Um lugar por exemplo como aqui. Uma casa de tijolo. Boa. Não uma casa pequenina assim. Quando uma pessoa entra na casa, parece estar a esconder-se, na casa dele!? **(Risos)**

Uma casa grande, com janelas grandes, com porta – não aquela porta de carregar **(Risos)** Isso é que é combater a pobreza. Isso é que é combater a pobreza. Na casa ter quarto para as crianças. Rapazes de um lado e raparigas de outro lado. Isso é que é combater a pobreza. Isso é que é combater a pobreza. É no distrito onde tem que acontecer isso. Nós não temos tudo isso. Temos algumas dessas coisas. Outras coisas não temos. E há coisas que nós temos que não chegam para todos. Eu posso ter telefone, mas aquele meu vizinho não ter telefone. Eu posso ter água, mas meu vizinho na povoação que está ao lado não ter água. É por isso mesmo, que o governo da Frelimo diz que para acabar com a pobreza vamos para o distrito. É lá onde está a maioria do nosso povo. O maravilhoso povo moçambicano também está no distrito, e vamos lutar contra a pobreza ali. Se lutarmos contra a pobreza ali, o país vai deixar de ser pobre. O país vai deixar de ser pobre!

Segunda coisa. Para podermos combater a pobreza no distrito, temos que ter instrumentos. Temos de um lado, o governo distrital, o administrador, mas nós acreditamos que além deles é preciso que o povo nos possa ajudar. É preciso que o povo nos possa ajudar para ver as questões que aparecem. É por isso que está decidido ter-se o conselho consultivo. No distrito, o conselho consultivo distrital. No posto administrativo, o conselho consultivo do posto administrativo. Na localidade, o fórum

da localidade. São aquelas pessoas respeitadas nesse nível e que a tarefa deles é quando saem da seu trabalho, da sua machamba, etc. ou da sua escola – se é professor – ver quais são as preocupações das populações.

O que é que falta ao povo que nós podemos resolver. O que é que falta ao povo que nós não podemos resolver hoje. O que é que falta ao povo? É água? O que é? Eu acho que há uma coisa quase comum. Emprego. Há muita gente que não tem emprego. Também, comida. Há muita gente que não tem comida. Por exemplo aqui onde nós estamos no sul, temos muito gado bovino, temos muito cabrito mas temos dificuldade de ter milho. Temos dificuldade de ter comida. Então, como resolver o problema? Se tem gado, porque não utilizar o gado para poder comprar comida? Porque não utilizar o leite do gado bovino para poder dar como alimento em casa? Estas são as preocupações. O conselho consultivo. Vimos o distrito. O conselho consultivo. E mais. O governo nosso tirou sete milhões. Sete milhões, para dizer que isto aqui é para apoiar o distrito. Entrega nas mãos do conselho consultivo. Qual é o trabalho destes sete milhões? Produção de comida e produção de trabalho. Arranjar trabalho. Encontrar maneiras de arranjar trabalho para os nossos jovens não terem problemas.

Essas são as formas que são encontradas para combater a pobreza. Nós temos a experiência de um ano com os sete milhões. Cometemos alguns erros com os sete milhões. Agora temos que corrigir, já que descobrimos que há erro. E nós queremos resolver o problema de comida e queremos resolver o problema de trabalho. Podemos resolver o problema de trabalho. Basta arranjar uma pequena empresa e produzir blocos ou tijolos. Quem quiser fazer uma casa boa, vai comprar. Vende cabrito e compra alguma coisa. Vai melhorar a vida e dar trabalho. Os sete milhões podem ser utilizados para comprar equipamento e entregar a alguém que sabe trabalhar que o conselho consultivo sabe que sabe trabalhar e que vai dar emprego aos nossos jovens. Então assim, vai produzir tijolos. Aqueles sete milhões podem ser utilizados para poderem criar uma pequena empresa de construção para fazer casas. Os sete milhões criam as maquinetas necessárias, mas dão-se a pessoas que vivem aqui no distrito. Que são conhecidos no distrito. O dinheiro não é dado. O dinheiro não se dá. O dinheiro não se dá. Pode se dar comida. Dinheiro não se dá. Tem que pagar. Tem que se dar a alguém que a gente sabe que seis depois vai pagar. Para aquele dinheiro sair dali e ir ajudar outro. Aquele dinheiro sair ali e criar mais emprego. É isso que nós queremos fazer para que o distrito deixe ser pobre. É uma luta grande. Vai levar muito tempo. Vai dar muitas dores de cabeça. Também foi assim com a Luta de Libertação Nacional. Também foi assim para acabar com a guerra. Aquilo que tem muito valor não se encontra com facilidade. Então, temos que ser capazes de ir trabalhar nesta nova batalha, no distrito. Aqui no distrito, para irmos acabando com a pobreza.

*Moçambique hoje!*

*(Hoje!)*

*Distrito hoje!*

*(Hoje!)*

*Distrito hoje!*

*(Hoje!)*

Eu estive a falar até agora. Depois de vos agradecer. Depois de agradecer a oração e depois de agradecer as ofertas, falei das eleições. Que é fundamental que nós participemos nas eleições. E depois, falei-vos do distrito. O distrito é que nos vai libertar da pobreza. E o distrito são vocês. O distrito como o lugar onde concentramos a nossa

ação e o conselho consultivo como o instrumento que utilizamos que é da confiança do nosso povo. Os sete milhões como um meio para arranjar emprego para os nossos filhos que andam aí sem emprego e para produzir comida. Agora eu quero ouvir os vossos conselhos. Podem vir cinco cidadãos. Só pedia que não repetissem aquilo que o outro disse, a ver como é que podemos marchar. A pobreza está com todos nós, mesmo aqueles que pensam que não são pobres. A pobreza está com todos nós. Nós só podemos viver tranquilos quando todos nós tivermos de comer, escola, hospital...

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

*Moçambique hoje! (Hoye!)*

*Moçambique hoje! (Hoye!)*

Quero agradecer as contribuições que aqui trouxeram. Nas contribuições que apresentaram, é claro e é óbvio que a população de Changara está preocupada com o desenvolvimento. Quer acabar com a pobreza. E vimos que praticamente tudo aquilo que é dito aqui são propostas para acabar com a pobreza. Isso mostra a maturidade da população. Não está a pensar muito em termos individuais. Está a pensar também em termos de outros moçambicanos que se encontram nesta terra.

Falaram de universidades. É verdade que é preciso haver universidades. Aquilo que eu posso dizer é que no país temos caminhado muito nessa linha. Se se lembrarem, em 1975 havia apenas uma universidade. Uma universidade estatal que estava em Maputo. E nesta universidade dos cerca 2000 estudantes, apenas 40 é que eram moçambicanos. Os outros eram estrangeiros. Com a Independência, imediatamente a universidade transformou-se. E hoje nós temos na universidade, não só muitos alunos moçambicanos, mas muito também professores moçambicanos. A maior parte dos professores que ensinam na Universidade Eduardo Mondlane são moçambicanos. Mas como eu disse, logo depois da Independência criaram-se outras universidades. Criou-se uma Universidade Pedagógica e criou-se uma universidade para diplomatas. A Independência trouxe mais alunos para a universidade. Começou a haver professores moçambicanos e criou-se a universidade pedagógica e criou-se a universidade para diplomatas. Além disso, há hoje muitas universidades privadas. E hoje praticamente em todas as capitais provinciais nós temos universidades no nosso país. As províncias que faltavam ter universidades – estou a falar de universidade do Estado, ou melhor cursos – eram Gaza, Manica, Tete e mais outra que vou falar. Estas três províncias, o ano passado já começaram com o ensino técnico. Agora aqui em Tete já se pode estudar minas – curso superior. Agora há uma província que ainda não tem universidade. É a província de Maputo. Há cidade de Maputo – que tem muitas universidades – mas a província de Maputo não tem universidade. Também é preocupação para nós. Isso é para dizer que as universidades estão a chegar a todo o lado. Mas o companheiro que falou aqui tem razão. As nossas universidades não conseguem absorver todos os nossos jovens que terminam a décima segunda. Este é um problema que nós temos. Vamos continuar a trabalhar para ir resolvendo esse problema.

Depois falaram do hospital. Registamos.

Aqui foi falado da construção em curso da linha de transporte de energia. Como ainda não chegou, as pessoas só estão a ver covas e postes. Não vamos dizer que já chegou. Mas parece que está a aproximar. Mas vai chegar. Mesmo nesta aldeia vai chegar.

Aqui falaram de outras coisas que também são muito importantes. A necessidade de termos represas para a irrigação de água. A necessidade de termos charruas para

comprar. A necessidade de ter fábrica para conservar a carne. A necessidade de ter fábrica para aproveitar as peles. A necessidade também de fazer o aproveitamento de leite. Nós registamos isso, mas vamos trabalhar juntos. Porque isso são investimentos que não são do Estado. O Estado tem que convencer pessoas a virem aqui. Se a vontade vossa é essa, é essa mensagem que vai sair para fora. Que os changarenses querem pessoas para irem investirem nestas áreas. Mas em relação ao leite, o leite pode não ter que esperar pela fábrica grande. O leite pode ser feito em casa. Ser transformado em casa. Transformado em queijo e transformado em manteiga. Isto pode se fazer em casa. Agora como é que vai fazer em casa? Então devíamos estudar aqui. O conselho consultivo devia estudar aqui. Como arranjar alguém que ensina a fazer isso? As pessoas deviam fazer isso em casa. Esta ideia é muito boa: melhor aproveitamento dos nossos recursos.

Bom, eram estes pontos que eu queria notar e agradecer mais uma vez o vosso espírito e a vossa contribuição. Vê-se claramente que o objectivo de Changara é o desenvolvimento.

Nós hoje falamos das eleições. Irmos votar. Ir recensear.

Nós hoje falamos do lugar que vai combater, acabar com a pobreza. Falamos do conselho consultivo. Falamos dos sete milhões. E agora aprendemos da população de Changara que há coisas que se podem fazer para acelerar o desenvolvimento. Falaram de represas. Falaram de aproveitamento do leite. Do aproveitamento das peles e também de melhor conservação da carne.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete hoye!*

*(Hoye!)*

*Muito obrigado!*

*(Palmas)*

## **COMÍCIO DO POSTO ADMINISTRATIVO DE DÓMUE, DISTRITO DE ANGÓNIA – 19 DE ABRIL DE 2007**

(...)

Saudar-vos pela maneira muito especial como nos receberam. Se estivessem deste lado onde eu estou haviam de compreender a minha emoção. Os olhos não chegam ao fim. Todo o lado! **(Palmas)**

Portanto queria saudar-vos por isso e dizer muito obrigado. Também queria saudar-vos pelas actividades culturais aqui apresentadas. Aqui assistimos realmente a nossa cultura. E acontece que hoje é a véspera, é o dia anterior ao dia em que vamos reconhecer o Nyau publicamente. Mesmo pondo de lado o Nyau, mesmo pondo de lado o Nyau, mas vendo as nossas mulheres belas com vozes cristalinas a cantar, e dançar, nós dizemos “ah assim, Moçambique é grande!”.



E depois os nossos jovens, a utilizar esses instrumentos nossos, feitos pelas suas próprias mãos e a cantarem tão belamente. Muito obrigado! **(Palmas)**

Quero também agradecer a oração. A oração que aqui foi feita. Sabem que é muito importante para as pessoas saber para onde vão, conhecer o caminho do lugar para onde vão. E através da oração nós podemos conseguir ter o nosso caminho mais iluminado. Podemos conseguir ver nas trevas. O nosso povo está nas trevas. Pobreza são trevas e queremos ser iluminados para sairmos da pobreza e irmos para ali onde as coisas estão claras. Ali onde as coisas estão claras. Onde as pessoas vivem como gente; onde aquilo que nos foi dado pela natureza é utilizado para o benefício dos moçambicanos. Por isso agradecemos esta oração que vai nos iluminando, todos nós moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, passando pela Angónia, sem deixar de passar também por Dómue, no nosso caminho contra a pobreza.

Quero agradecer ainda, as ofertas que aqui foram dadas. É muito emocionante. Certamente que alguém trabalhou, debaixo do sol, muitas vezes sofrendo, doendo-lhe as costas, para poder produzir. E depois pega aquela produção que teve e divide connosco. Diz: **“aqui está!”**. Muito obrigado! Nós vamos fazer uma coisa. Algumas das ofertas que nos são dadas aqui temos de ir apoiar aqueles que necessitam. Em Moçambique, mesmo aqui em Tete, temos crianças nossas que estão nos lares a estudar e que as vezes não comem bem. Que tal um dia, terem um pouco mais de milho; um pouco mais de batata e um bocadinho de carne, que é oferecida pelos seus irmãos através de nós.

Nós temos aqui em Moçambique pessoas que têm doença, a doença do SIDA. É uma doença terrível. Quando as pessoas já estão a ganhar força a compreender que doença é doença, temos que enfrentar, por isso o nosso governo já tem anti-retrovirais nos distritos, o medicamento que ajuda a acalmar a doença. Mas há algumas pessoas que perdem a vida, tendo medicamentos mas porque não comem bem. Não tem comida apropriada. O medicamento não funciona. Vamos pegar nessa oferta, uma parte dela, também para oferecer aos nossos irmãos.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Bom, eu tenho algumas mensagens. Tenho algumas mensagens... eu vou pôr como duas mensagens. A primeira mensagem: a força da unidade e a segunda mensagem: o distrito é o centro de desenvolvimento. Mas antes de eu entrar nas minhas mensagens, eu queria apresentar-vos alguns dos companheiros que estão comigo. Eles vão se apresentar e vão dizer em poucas palavras o trabalho que fazem. **(Palmas)**

(seguem-se as intervenções)

Moçambique hoye! **(Hoye!)**

Eu disse que tinha duas mensagens. Eu disse que a primeira mensagem é sobre a força da unidade. E a segunda mensagem o distrito como ponto de partida para o desenvolvimento. Nós moçambicanos temos sorte. Temos sorte porque a nossa política, desde há muito tempo, foi de estarmos unidos. Antes de descobrirmos esta política, todos nós lutamos cada um na sua região, cada um na sua província, contra injustiças mas não conseguíamos ganhar porque estávamos divididos, até que apareceu Eduardo

Mondlane. E Eduardo Mondlane disse: **“a razão porque nós estamos a perder é porque estamos divididos. Se estivermos divididos nós não vamos vencer. O colonialismo ele é um, ele abate-se sobre todo o país. Todos sofrem, mas nós não lutamos como um. Lutamos cada um do seu lado. Para vencermos a dominação estrangeira, precisamos da unidade”**. E a unidade o que é que significa?

A unidade significa que reconhecemos que somos diferentes, mas que a diferença não é um mal. A diferença é uma riqueza. Quando juntamos as nossas diferenças para um bem comum, então nós realizamos o nosso bem comum. Eu vou dar alguns exemplos: em casa, marido e mulher, crianças, são iguais? **(Não!)**

São diferentes! É preciso que haja mulher. É preciso que haja homem. Todos ficamos satisfeitos quando há crianças. Quando juntamos isso tudo, então sentimo-nos felizes. A mama faz um trabalho. O papá faz outro trabalho e as crianças aprendem a fazer o trabalho. E isso é que faz a família ser uma grande coisa.

Eu darei outro exemplo. Estivemos a ver aqui danças aqui. Por exemplo estivemos a ver aqui Nyau. São diferentes: uns têm peles muito maiores; outros têm penas mais baixinhas; uns dançam primeiro; outros dançam depois; uns estão a bater tambor; outros estão a cantar. Não é assim? São iguais? **(Não!)**

O Nyau fica bonito quando coisas diferentes se juntam. Temos aqui os nossos jovens. Estão aqui todos. Não cantam todos da mesma maneira. Nem tocam os mesmos instrumentos. Cada um toca o seu instrumento. Uns usam o pau para bater o seu instrumento; outro utiliza directamente a mão e depois sai a canção. E ficamos a escutar. E fazemos de conta que dançamos, é porque gostamos. São coisas diferentes. Querem dar-nos uma bela música. Juntaram-se.

Eu vou ainda dar mais um outro exemplo. Vou dar mais ainda outro exemplo. Todos conhecem o jogo de futebol, não é? **(Sim!)**

No jogo de futebol há guarda-redes; há defesas na direita e na esquerda, no centro; há médios, na direita e na esquerda; há médios avançados e há médios... médios mesmos; há os dos extremos; há o avançado centro; uns chutam a bola com o pé direito; outros chutam a bola com o pé esquerdo; uns correm muito; outros saltam muito; não é assim? uns jogam com o pé; outros jogam com a mão. Diferentes. Todos diferentes. Mas quando entram para o campo usam a diferença para meter golo na baliza do adversário. Fazem tudo para meter golo na baliza do adversário. São Diferentes, mas tem mesmo objectivo. Nós moçambicanos, também somos diferentes. E é bom que sejamos diferentes:

Há homens, há mulheres – são moçambicanos!

Há crianças, há velhos, são moçambicanos!

Há baixinhos, há altos, são moçambicanos!

Há escuros, há escuros, há claros, são moçambicanos!

Há fortes, há magrinhos, mas são moçambicanos! **(Palmas)**

Uns falam Chichewa; outros falam Chi-Sena; outros falam Nyungue; outros falam maconde; outros falam ronga; outros falam Nda; outros falam, que línguas são? **(Shona!)**

...shona; outros falam chuabo; outros falam changana; outros falam chinyanja; chinyanja e Chichewa são a mesma coisa não é? Mas depende onde a gente está. Se a

gente está num lugar chamam Nyanja e noutro lugar chamam Chichewa; outros falam macua; Isso tudo são diferenças. Mas isso tudo, quando se junta é conhecimento. É conhecimento. Juntam-se e ficam fortes. Então quando tem o mesmo objectivo, não há inimigo que resista. Não há inimigo que resista. É por isso que Mondlane tem mérito, porque ele descobriu que a diferença entre nós não é má. Basta termos o mesmo objectivo. Cada um dar a sua contribuição. ....Para juntar a força e poder realizar o nosso objectivo. É por isso que conseguimos ganhar a Luta de Libertação Nacional e ficamos independentes há 32 anos quase, só depois da unidade. Foi por isso que quando reforçamos a nossa unidade, a guerra acabou aqui em Moçambique. Acabou a guerra aqui em Moçambique....Para quê Matarmo-nos. Não vivermos bem, para quê? Somos irmãos. Estamos todos juntos. Está na base, está na cidade, está no campo: Vamos todos juntarmo-nos e vamos construir este nosso Moçambique, cada um com o seu saber. Estamos todos na mesma casa. E a paz veio aqui em Moçambique. E a paz está aqui em Moçambique. E nós já estamos a viver bem, com os nossos problemas. Mas os nossos problemas conhecemos os caminhos para a sua solução. As nossas crianças vão para escola; os nossos doentes vão ao hospital; os nossos viajantes viajam; os nossos camponeses cultivam. Isso tudo porque conseguimos a paz. E para a conseguir a paz tivemos que nos unir de novo, reactivar a nossa unidade... agir como a mesma pessoa.

Vocês estão a ver a maravilha disto? Estão a ver a maravilha disto? Como Moçambique todo gritou e chorou quando ouviu dizer que no Zambézia, no Vale da Zambézia havia cheias: As pessoas de Maputo, as pessoas de Cabo Delgado; também as pessoas da zona do Zambézia perguntavam, queriam ajudar; procuravam saber o que é que se passa; os que tem rádio primeira coisa era saber o que é que se passa com os nossos irmãos; aqui em Tete aqui: ali Mutarara ali; naquela zona Tambara, em Manica; naquelas zonas ai de Caia; um bocadinho na zona de Marromeu e Mopeia – todos nós estávamos a acompanhar.

Ou então quando houve aquela ventania grande, chamado ciclone Fávio em Inhambane, todos os moçambicanos preocupados, do Norte a Sul. Até as criancinhas falavam na rádio: **“como é que estão os títiós lá? escaparam ou não escaparam?”**. Isto cria unidade, é dono...O futuro, o destino de um moçambicano é preocupação de outro moçambicano.

Ou então, em Malhazine quando houve explosões os moçambicanos de toda a parte telefonavam: **“como é que está o nosso povo em Maputo?”** e mandavam coisas para ajudar aqueles que estavam a sofrer. Isto, meus irmãos, é a força da unidade. A força da unidade. Nós somos ricos porque temos coisas diferentes. E nós somos mais ricos ainda porque utilizamos essas coisas diferentes para cumprir missões comuns: a primeira missão foi acabar com o colonialismo. A segunda missão foi acabar com a guerra e implantar a paz e todos os moçambicanos sentiram-se em família e também aparece em situações de desgraça. É essa força que nós devemos utilizar para combater contra o nosso inimigo. Nós temos inimigo hoje. O nosso inimigo é pobreza. Há pobreza neste país, apesar de ser um país com gente que gosta de trabalhar. Gente que não tem confusão. Gente que tem boa terra. Gente que tem água. Mas mesmo assim somos pobres. Essa riqueza que nós temos no país: a nossa gente, mais os solos, mais a água – devem ser utilizados para beneficiar os moçambicanos. E beneficiar os moçambicanos é ir acabando com a pobreza. A pobreza não acaba num dia. Leva dias, meses, anos, mas cada dia devemos ser cada vez menos pobres. Estive aí a ver reclamação, quando se fala de tabaco – ainda não sei o que é – quer dizer que o moçambicano não quer ser pobre, não é assim? **(É!)**

...se ele trabalha não quer ser pobre!

*Moçambique hoye!*  
(*Hoye!*)

Vamos a minha segunda mensagem. A minha segunda mensagem é: O vosso governo, o governo da Frelimo disse que para realizarmos o nosso objectivo, que só a unidade consegue realizar, nós temos que começar pelo distrito. O distrito é que é o ponto. Não se acaba com a pobreza sem começar pelo distrito. O distrito é que tem que acabar com a pobreza. Isto quer dizer que a escola tem que estar no distrito – agora aqui já temos a nona classe. Isto quer dizer que a água tem que estar no distrito – ainda não temos tudo. A estrada tem que estar no distrito - ainda não temos tudo. O telefone tem que estar no distrito. A energia tem que estar no distrito. A machamba tem que estar no distrito. É isso que vai libertar o povo da pobreza. Os quadros devem sentir-se... os técnicos devem gostar de viver no distrito. É por isso que a nossa batalha é esta porque o distrito é o centro. Este governo vai trabalhar nos distritos para combatermos juntos a pobreza. Quando a fome acabar no distrito, quando a pobreza acabar no distrito, Moçambique estará livre da pobreza. Moçambique vai continuar a mudar rapidamente. Mas também existe outra coisa: para apoiar o administrador, para apoiar o chefe do posto nós temos os Conselho Consultivos: pessoas que vivem e trabalham connosco mas que nós admiramos pelo amor que eles têm para com o povo. Essas pessoas representam-nos na localidade – no Fórum da localidade; aqui no Dómue no conselho consultivo do posto administrativo; ali em Ulongue ali no Conselho Consultivo Distrital. Eles identificam os problemas e ajudam a ver quais são os problemas que podemos resolver para o povo ir melhorando a sua vida. Mas também o governo fez outra coisa: decidiu criar um fundo de sete milhões que entrega ao distrito, entrega ao distrito e diz também ao Conselho Consultivo Distrital que esse dinheiro é para duas coisas: aumentar a produção de comida, aumentar a produção de comida e arranjar emprego para os nossos jovens. Duas tarefas.

Nós sabemos que os nossos jovens não têm trabalho muitas vezes, mas eles querem trabalhar. Como resolver esse problema? Como somos um país com poucos recursos, o Estado decidiu tirar uma parte desses recursos para poder colocar para o distrito poder decidir como é que vai arranjar emprego. É bom termos atenção: não se pode arranjar emprego para todos no mesmo dia. O Conselho Consultivo tem que estudar bem a questão. Mas uma coisa é certa, com o dinheiro que tem deve emprestar o dinheiro. Não se dá dinheiro. Não se pode dar dinheiro. Empréstimo dinheiro! Aquele homem de negócios que quer aumentar a sua produção, e que diz que eu preciso desse dinheiro para produzir mais e também diz: **“se eu produzir mais ou melhor, para eu produzir mais hei-de empregar mais gente e depois no fim de seis meses, ou depois do tempo que for definido, eu vou devolver o dinheiro, eu vou devolver o dinheiro”** estão a ouvir bem? (Sim!)

Agora, esse dinheiro que devolve é para quê? É para emprestar a outro que também vai fazer a mesma coisa e quando ele devolve, é para emprestar a outro. Isso vai aumentando o número de pessoas dos nossos jovens que trabalham e vai aumentando a riqueza no distrito. Esta é a maneira de combater a pobreza que nós encontramos. Mas temos que estar juntos. Havemos de cometer erros. E já cometemos alguns porque começamos no ano passado, não tínhamos experiência ainda mas já estamos a ultrapassar os nossos erros. Vamos corrigir esses erros. É por isso que na localidade, no posto administrativo quando vêem que alguma coisa não está bem, devem continuar a chamar atenção para melhorar as nossas condições.

Moçambique hoje! **(Hoye!)**

Eu tinha duas mensagens. A força da unidade: se nós continuarmos a reforçar a nossa unidade havemos de vencer o inimigo. O nosso inimigo é a pobreza. E agora para combater a pobreza, é no distrito. No distrito é que temos que fazer esse combate, utilizando o Conselho Consultivo e utilizando bem os sete milhões. Agora eu queria ouvir também os vossos conselhos. Eu vou chamar cinco cidadãos também para vir nos aconselhar: que obstáculos temos para combater a pobreza e também o que é que podemos fazer para termos melhores resultados neste combate contra a pobreza. Cinco cidadãos!

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Obrigado pela vossa contribuição. Obrigado por aquilo que são vossas ideias. Aquilo que disseram aqui é trabalho para nós também: temos que pensar. Aqui falaram do tabaco. Disseram que há problemas no tabaco. E falaram sobretudo do preço do adubo;

Aqui também alguém falou e disse que foi soldado, foi desmobilizado no tempo do Presidente Samora mas que não tem emprego;

Aqui também se falou do trabalho que se está a fazer de criação de condições melhores para o povo, por exemplo de ambulância, mas ainda há coisas que faltam. Falaram de falta de energia no hospital e isso dificulta o trabalho no hospital. Alguém falou, não sei se compreendi bem, de Casa Espera, Mãe-Espera, não é? Falou-se da situação das crianças que perderam os pais, ou as mulheres que perderam os maridos.

E falaram de fundos para começar negócios. No que se refere a fundos para fazer negócios, para alguém começar negócios é preciso mostrar que sabe fazer negócios. E se mostrar que sabe fazer negócios, naturalmente pode ser contemplado nos sete milhões. Como são muitas pessoas, para se entregar dinheiro a alguém para fazer negócios, entre eles discutem se aquela pessoa dá provas de poder desenvolver o negócio: se ele vai empregar mais pessoas; se vai aumentar a riqueza do distrito...Portanto é um problema para ser discutido.

E falou-se também da questão de criminalidade. Criminalidade porque há pessoas que tem dinheiro e querem construir mas tem medo, porque vão pensar que tem dinheiro e pode sofrer um assalto. Ou então a falta do banco, porque se houvesse banco pelo menos o dinheiro estava no banco e estava mais protegido.

As questões todas que colocaram aqui, de facto mostra a preocupação que todos nós temos, que é juntarmos as nossas forças para combater a pobreza. E nós sabemos que a pobreza não acaba num dia. E nós sabemos que sempre haverá aqueles que vão ter a sorte de sair da pobreza um pouco antes do que os outros. Por isso temos é que trabalhar com muita seriedade: emprestar dinheiro alguém deve ser por ser amigo; deve ser porque nós sabemos que aquela pessoa trabalha; gosta de trabalhar; gosta do distrito; vai aumentar a riqueza do distrito. Sobretudo vai pôr, vai dar trabalho aos meus jovens.

Muito obrigado pela vossa contribuição. Nós registamos tudo. Vamos continuar a trabalhar.

*Dómue boye!*

*(Hoye!)*

*Dómue boye!*

*(Hoye!)*

*Angónia boye!*

*(Hoye!)*

*Zicomo kwambiri! (Palmas)*

## **COMÍCIO DA SEDE DO DISTRITO DE MACANGA – 18 DE ABRIL DE 2007**

*Moçambique boye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambique unido do Rovuma ao Maputo boye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambique unido do Rovuma ao Maputo boye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete boye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete boye!*

*(Hoye!)*

*Macanga boye!*

*(Hoye!)*

*Distrito de Macanga boye!*

*(Hoye!)*

*Furancungo boye!*

*(Hoye!)*

*Furancungo boye!*

*(Hoye!)*

Nós queríamos primeiro saudar e agradecer esta calorosa, carinhosa recepção. Desde que descemos ali no aeroporto sentimos que realmente existe muita amizade entre nós. Grupos culturais mostraram a alegria desde lá até aqui e também a mensagem que é transmitida através dos grupos culturais. São mensagens de certeza. São mensagens de alguém que sabe para onde vai, e sobretudo de alguém que sabe o que quer. Isso mostra a grandeza do nosso maravilhoso povo, que é um povo que sabe o que quer. Que sabe como é que quer e que luta para alcançar aquilo que quer. Queremos também agradecer a oração que foi feita para ajudar a iluminar o nosso caminho. O caminho que nos leve a libertamo-nos da pobreza. Não podemos deixar de agradecer também as ofertas. Tiraram de vós aquilo que vocês mais gostavam, mas por amizade entregaram a nós.

**Zicomo kwambiri! (Palmas!)**

Eu tenho duas mensagens. As minhas mensagens vêm do fundo do coração, como é normal. Eu gostaria que tivessem muita atenção a elas. E depois de ouvirem as minhas mensagens, também quero ouvir as vossas mensagens. Eu acho que a vossa mensagem sairá do fundo do coração. As mensagens a irem daqui para ali, em ambientes como este, é que provocam o desenvolvimento. Ajudam-nos todos nós a vermos os problemas e ajuda-nos a procurarmos solução para estes mesmos problemas. Mas antes de apresentarem as minhas mensagens, queria apresentar-vos os dirigentes que estão comigo. São pessoas que estão preocupadas – como toda a gente em Moçambique – em lutar contra a pobreza. Mas acontece que estando na vanguarda, estando na frente, eles têm uma responsabilidade acrescida.

(seguem-se as apresentações)

(...) Essas mensagens vêm do fundo. Mas depois eu esperava a vossa mensagem, que acredito que também vem do fundo. E que essas três mensagens juntas vão ajudar-nos a desenvolvermo-nos. Vão ajudar a dar mais passos na luta contra a pobreza.

Como sabem este ano – Dois mil e sete – vamos ter eleições. São eleições da Assembleia da Província. As leis para fazer essas eleições já foram aprovadas. Agora só falta entrarmos em acção. Dois mil e oito teremos outras eleições. Dois mil e nove teremos ainda outras eleições. São três anos seguidos de eleições um atrás do outro. As eleições são feitas para quê? As eleições são feitas para nós escolhermos aqueles que devem dirigir o país para fazer aquilo que nós gostamos:

Certamente que nós todos gostamos que as nossas crianças tenham escola;

Certamente que nós todos gostamos que nossos doentes tenham tratamento nos hospitais;

Certamente que nós todos gostamos que haja telefone;

Certamente que nós todos gostamos que haja rádio comunitária;

Certamente que nós gostamos que a nossa casa seja bonita;

Certamente que nós gostamos que nos vistamos bem;

Certamente que nós gostamos que a nossa cultura se desenvolva: nosso **nyau, nyanga, chioda...** tudo, porque é nosso e de todo Moçambique!

Então, quando nós vamos para as eleições estamos a escolher aquelas pessoas que pensamos que podem fazer aquilo que nós queremos: não termos falta de comida e não termos as outras carências – aquelas a que eu me referi aqui.

Neste ano haverá eleições. Essas eleições são ao nível da província – para a Assembleia da Província. Haver pessoas na Assembleia que quando recebem o relatório do Governador, eles podem aconselhar para o desenvolvimento da província. Para o desenvolvimento da província. Portanto, nós devemos estar preparados para as eleições! É nossa vida! É nossa vida!

Primeiro, seria bom que todos nós que somos adultos e podemos eleger estivéssemos presentes nas eleições – na votação. Mas poder estar presente na votação, a pessoa tem que ter cartão de eleitor; tem que dizer que tem direito de votar; tira cartão e mostra e vão ver se o nome está ali. Se o nome está ali então tem direito. Pode votar. Pode escolher. Escolher o seu futuro. Escolher o futuro seu e dos seus filhos. Futuro seu, do seu marido, da sua mulher, dos seus pais e de todos os moçambicanos. Portanto, é preciso ter cartão de eleitor. Nós fizemos um estudo interessante. Fizemos

um estudo muito interessante para compreender porquê é que nas últimas eleições muitos moçambicanos não foram votar, porque fazíamos reuniões e havia muitos moçambicanos a dizer eu vou votar; Porque fazíamos reuniões e havia muita gente a mobilizar para votar, mas quando chegou o momento de votar havia pouca gente. E a gente se pergunta porquê? Havia muitas respostas: a pessoa podia estar doente; pode ter acontecido uma desgraça na família e a pessoa ter-se deslocado para atender a essa desgraça. Muita coisa pode acontecer. Mas uma das razões fortes que apareceu é que muitos cidadãos moçambicanos não tinham cartão de eleitor! Adultos, não tinham cartão! Sabem como a gente faz para comer carne, não é!? A gente assa o cabritinho muito bem assado e está ali e depois diz: vamos lá comer cabrito. A pessoa não chega lá e come cabrito com os olhos. Tem que tirar faca e cortar o pedacinho, não é assim? Se não tem faca não come. Se não tem faca não come. Não votação é mesma coisa: a pessoa vai para lá e quando quer votar diz-se onde está cartão? Não tem! Então não pode votar. Então põe-se a pergunta: porque é que as pessoas não tinham cartão? Há muitas explicações. Eu vou dar algumas só:

Uma das razões porque as pessoas não tinham cartão é porque tinham perdido: mudanças de um lugar para outro; em alguns lugares haviam calamidades naturais e as águas arrastaram documentos, então isso fez as pessoas não terem cartão. Desapareceu. Desapareceu.

A outra razão porque não tinham alguns quando chegou o momento de recensear, não foram: eu vou amanhã! Chega o dia de amanhã, eu vou amanhã! Outro dia de amanhã, hei-de ir amanhã! É deixa-andar. É deixa-andar. Chega no fim, não tem cartão. E não pode dizer a ninguém, porque toda a gente pensa que ele tem cartão. Anda connosco, canta connosco, mas faca para comer carne não tem. Não pode comer carne! **(Pausa)**

Conseguem ouvir aqui, não é? **(Sim!)** Ali talvez, vamos tentar.

Agora quando chega o momento de querer votar não pode votar. Não tem cartão. Perdeu o cartão. Ou então não foi recensear-se. Por isso mesmo, por isso mesmo... ah também há pessoas que mudaram. Mudaram de casa. Muita gente. Mudaram de casa. E quando muda de casa, o cartão que tem não serve ali naquela mesa. Ou não está naquela mesa. E o resultado é que não vota. É por isso que em grande parte houve muitos que não votaram. É por isso mesmo que eu venho dizer: moçambicanos, vamos votar! Não percamos a oportunidade de votar. Estamos a escolher a vida que nós queremos para nós, para a nossa família, para os nossos vizinhos, para os nossos amigos e sobretudo para os nossos compatriotas do Rovuma ao Maputo e do Indico ao Zumbo. Mas para nós votarmos, para nós votarmos, termos que ter cartão de eleitor. Este ano vai haver recenseamento para todos. Recenseamento de raiz. É preciso todos nós irmos recensear para ficarmos com cartão de eleitor. Ainda este ano vai haver outro recenseamento – o recenseamento geral. Isso é para toda gente: criança, adulto, homem e mulher. Recenseamento.... Por isso é importante. E porquê? Porque este recenseamento permite saber quantos moçambicanos existem? Quantos moçambicanos vão completar seis anos? Quantos moçambicanos vivem num distrito? Quais são as coisas que os moçambicanos sabem fazer: os que sabem fazer machamba; os que sabem arranjar coisas como mecânicos – quando os carros se estragam; os que tratam doentes... tudo isso aparece nessa informação. Tudo isso é fundamental para o nosso desenvolvimento. Assim o Governo pode saber que em 2009 vamos ter tantas crianças que vão ter seis anos, então pode planear escolas. Se não souber vai planear errado o número de escolas para aquelas crianças. Se souber a comida que nós produzimos vai ser mais fácil saber como poder utilizar essa comida. Eu penso que além



desse recenseamento geral que vai acontecer em breve, todos os moçambicanos devem recensear-se para ter cartão de eleitor. Todos os moçambicanos que tenham cartão de eleitor, devem estar prontos para poder votar. É só um dia. Se chegou atrasado naquele dia, acabou! Mesmo que esteja a chover; mesmo que haja vento, mesmo que haja trovoadas, é só naquele dia em que escolhe o seu futuro: o futuro que quer! Por isso vamos votar! Para votar vamos recensear! E assim podemos cumprir um dos direitos e que também é dever que todos moçambicanos devem ter: escolher a vida que querem! Esta é a primeira mensagem.

Segunda mensagem: nós temos uma coisa que nos faz todos sofrer. Essa coisa que nos faz sofrer a todos nós é a pobreza. Desde o Rovuma até ao Maputo há pobreza. Encontramos estradas que não são asfaltadas. Aqui estão a dizer que queremos asfaltar a estrada desde Chifunde até aqui... Chiúta! Em muitas partes em Moçambique também não há estradas asfaltadas. É por causa da pobreza. A pobreza é faltar coisas que nós precisamos. Não temos! Não temos! Não temos! Somos pobres!

Há muitos lugares em Moçambique onde ainda não há telefone – telefone fixo. Apesar de haver lugares como aqui em Furancungo onde temos telefone fixo. Mas também há lugares que tem telefone celular e nós aqui em Furancungo ainda não temos telefone celular. Isso mostra pobreza. Isso mostra pobreza que existe.

Ainda temos pessoas aqui no nosso país que não tem tratamento. Até há casos de SIDA, em que a pessoa apanha aquele tratamento chamado anti-retroviral, mas não resiste porque a comida que ele come não é apropriada. Isso é pobreza. Isso é pobreza!

Nós temos esta terra bonita aqui! Temos esse povo maravilhoso, que gosta de trabalhar! Temos água, rios! Pelas montanhas, temos muitas árvores! Lá debaixo da terra, há muita coisa escondida: é riqueza! Mas somos pobres! Todos nós somos pobres. Não se enganem. Pode ter bicicleta, ainda não é rico, só é menos pobre. A pessoa que tem motorizada, ainda não é rico, só é menos pobre. A pessoa que tem carro, ainda não é rica, só é menos pobre: Quando ele vai para a casa dos pais, chega ali, ninguém mais tem carro. Nem vizinho tem carro. Dizer que é rica essa pessoa? Ele vai conduzir toda a família? a mãe, o pai, as cunhadas, os irmãos, naquele carro? É pobre! Pobreza é uma coisa de que todos os moçambicanos ainda sofrem. Os pais, os vizinhos, a pobreza está lá. Então, nós todos temos que combater a pobreza. Nós todos temos que combater a pobreza!

Nós os moçambicanos temos uma vantagem. Esse povo moçambicano tem uma grande vantagem, porque o maravilhoso povo moçambicano venceu grandes inimigos, grandes inimigos nos últimos 50 anos. Venceu! Era fraco, não tinha recursos. Tinha o espírito, força de vontade. Lutou e venceu! Não foram os moçambicanos que tiraram o colonialismo daqui? Quem era forte? Não era o colonialismo? Tinha aviões, tinha estrada, tinha carros, tinha tudo! Mas a força dos moçambicanos porque queriam ser livres fez com que juntássemo-nos. Todos unidos, do Rovuma ao Maputo, e afastamos o colonialismo! Ficamos livres. Ficamos com soberania. Nós é que decidimos o que fazemos de nós mesmos e da nossa vida!

Mas mesmo assim, apareceu a guerra. Também a guerra. A guerra, faz mal! Não vivíamos bem. Dormíamos fora das nossas casas. Tínhamos que dormir juntamente com os animais. Mas decidimos: vamos acabar com a guerra! Vamos lá acabar com a guerra. Vamos lá trazer a paz aqui em Moçambique. E a Paz chegou! A guerra acabou. A guerra acabou. Então, nós hoje temos: Independência! Nós hoje temos: Paz! Então temos boas condições para lutar contra a pobreza. Temos as melhores condições para lutar contra a pobreza. Há pessoas que esperam pela sorte. Ficam em casa. Se eu tiver

sorte a pobreza vai acabar em casa. A sorte não vem. A sorte vai se buscar. Estão a compreender? A sorte está aí a espera sozinho. Ele não vem para aqui. Tem que ter força ir buscar a sorte. Se nós tivéssemos esperado pela sorte acabava o colonialismo? Acabava? Havia de acabar sozinho? Se nós esperássemos pela sorte acabava a guerra? Havia de acabar sozinha? Foi preciso ir buscar a sorte. É como o camponês – a maior parte de nós somos camponeses aqui – para matar a fome, não espera pela sua sorte. Vai buscar a sua sorte na machamba: pega na sua enxada, de manha muito cedo, e trabalha com a sua sorte, faz machamba e tem comida. A sorte vai se buscar. A sorte não vem. Se nós não vamos buscar a sorte, então temos o azar. Andamos a procura de azar. O azar está lá, encontra-nos. Mas a sorte é essa que devemos ir buscar. E neste momento, a sorte que nós queremos, a sorte que nós queremos ir buscar, é acabar com a pobreza em Moçambique! Por isso mesmo, o vosso Governo decidiu que para Moçambique deixar de ser pobre – vai levar o seu tempo é verdade – para Moçambique deixar de ser pobre é preciso a nossa acção concentrar-se no distrito. No distrito! Estamos aqui em Macanga aqui. Aqui mesmo em Macanga lutamos contra a pobreza. O Governo dar todo o apoio possível, mas com o vosso trabalho. Aqui no distrito ir buscar a sorte. É fundamental isso. Não-de ver, se nós trabalharmos muito bem no distrito, com todo o apoio que é necessário em pouco tempo o nosso país vai crescer. Vai ficar cada vez menos pobre e vamos vencer a pobreza. Isso significa que temos que lutar para melhorar o caminho. Isso significa que:

Temos que lutar para ter mais escolas;

Temos que lutar para ter melhor hospital;

Temos que lutar para ter telefone;

Temos que lutar para ter energia aqui no distrito. Aquilo que nós temos, há-de vir. Mas temos que lutar para aparecer. E para fazer isso, temos que aumentar a produção. Eu sei que aqui em Macanga produz-se muito. Mas vamos continuar a aumentar a produção. Eu sei que há problemas as vezes: não se compra o produto! Vamos continuar a trabalhar para que se compre o produto para poder estimular a produção. Eu sei que as vezes temos dificuldades. Temos o produto em casa e nem sequer conseguimos transformar: pegar no milho e fazer farinha. Quando nós sabemos onde está o nosso ponto fraco, então podemos encontrar maneira de resolver isso. Os nossos filhos estão a estudar. Eles devem utilizar o seu conhecimento para ajudar a resolver esses problemas. Devem usar o seu conhecimento para ajudar a resolver esses problemas aqui no distrito. Aqui no distrito, temos de melhorar as nossas condições. O Governo decidiu por isso, que para poder resolver os problemas do distrito - e para apoiar o administrador - tem o Conselho Consultivo ao nível distrital. Um Conselho Consultivo, no posto administrativo. Um fórum ao nível da localidade. Esse é composto por pessoas que conhecem as preocupações do povo. São a confiança do povo. Aconselham o Governo nesse escalão em que se encontram. Fazer as coisas que possam acelerar esse processo de lutar para vencer a pobreza. Além disso, o Governo decidiu o ano passado colocar nas mãos distrito sete biliões, sete milhões. Sete milhões. Sete milhões é pouco. Mas é pouco para quem tem muito. Nós naquele tempo nem sequer tínhamos tido um! E sete milhões é muito....Para quê é que os sete milhões foram colocados? Para várias coisas:

Estimular a comida. A produção de comida. Aumentar, comprarmos os produtos. Transformar os produtos. Aumentar a produção de comida e também para criar trabalho. Temos muitos jovens nossos. São desempregados. Podemos arranjar trabalho para eles através dos sete milhões. Alguém tem uma machamba, é trabalhador e o Conselho Consultivo reconhece que é trabalhador, então pode pedir emprestado.

Dois: utilizar para fazer machamba. A pessoa vai precisar de empregar mais alguém. Mesmo que seja seu filho ou a sua filha para poder cultivar e poder colher aquilo que está sendo produzido. Isso vai ajudar a resolver os nossos problemas. Para nós atrairmos os nossos jovens para terem vontade de estudar e trabalhar aqui, precisamos de melhorar as casas que nós temos. Para construir as casas precisamos é preciso alguém que faz blocos; ou alguém que parte pedras e alguém que mais tarde constrói as casas.... A pessoa ganha dinheiro e o distrito se desenvolver. O desemprego no distrito vai desaparecer de certa maneira. Mas nós todos temos que compreender que nós não vamos acabar com a pobreza se não trabalharmos no distrito para acabar com a pobreza. Este é o nosso... é a nossa preocupação. Este é o nosso compromisso. E nós esperamos e continuaremos a ter o apoio do nosso povo de modo que se pergunte ano após ano e diga: o que é que mudou este ano? Qual é a coisa nova que existe: na produção, na vida, no desporto, na cultura, nas canções, qual é a mudança que ocorreu? E isto é fundamental perguntarmos!

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Duas mensagens: votar! Para votar é recensear! A outra mensagem: o distrito, aqui onde nós estamos, é que é base para acabarmos com a pobreza. Não vai acabar num dia, nem em dois dias. Nenhuma luta, nenhuma batalha importante acaba num dia ou em dois dias. Até para produzir comida, o tempo que leva a abrir um campo, a sachar, a espantar pássaros e a colher, não é um dia, não são dois dias, não são três dias. Os moçambicanos, o povo moçambicano que conseguiu afastar o colonialismo, conseguiu criar a paz, também vai continuar com essa energia para acabar com a pobreza a partir do distrito.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Eu vou pedir cinco cidadãos. Cinco cidadãos para virem também dar a sua mensagem. Nós queremos aprender para irmos mais reforçados e para sabermos o que é que nós não devemos fazer para alcançarmos os nossos objectivos.

(seguem-se as intervenções das populações)

Obrigado pelas vossas mensagens. Obrigado. As vossas mensagens na essência transmitem a necessidade prosseguirmos a luta contra a pobreza. Nós registamos e naturalmente o Conselho Consultivo Distrital também tem um papel para analisar bem algumas dessas respostas para aconselhar o Governo. Aqui falou-se da rádio comunitária como uma conquista em Macanga. Excelente!

Aqui falou-se da Polícia que trabalha bem, mas que não tem meios de trabalho.

Aqui falou-se também de outros sinais que mostram como somos bem-sucedidos na luta contra a pobreza. Já temos telefone fixo, mas também indicou problemas que ainda precisam de ser resolvidos. Nesse caso concreto de Bancos: não sabem onde guardar dinheiro e também falaram de roubos. De roubos. É bom neste caso concentrarmos no ladrão e não na nacionalidade do ladrão. Ali em Tete ali, temos muita gente na prisão e muitos deles são nacionais. E é normal. Portanto, não vamos nos concentrar

na nacionalidade do ladrão. Dá a impressão que as outras nacionalidades é que roubam e nós não. Vamos agir com justiça. Se é ladrão, não importa a nacionalidade. A mão da justiça deve agir sobre eles. E eu explico porquê. Nós, nos últimos anos, tínhamos vividos situações dramáticas e nós vimos o que é que aconteceu. Alguns de nós fomos recebidos no Malawi, não foi? **(Palmas, risos)** Portanto, vamos agir como irmãos. Mas se o irmão rouba deve ser punido! **(Palmas, risos)**

Aqui falaram da necessidade de depósito de combustível e também este combustível serviria para viaturas e para motorizada. E falaram também de petróleo de iluminação. É preciso isso tudo, mas há coisas que podem ir avançando. O petróleo de iluminação pode ser feito com o petróleo geral que a gente conhece, mas o petróleo de iluminação pode ser feito com jatrophia. Como é que pode se chama?

Tradutor: **kobo!**

Pode ser feito com jatrophia. Pegam na jatrophia, pegam nas sementes, pilam as sementes e aquele óleo põe no candeeiro e é petróleo! **(Palmas, risos)**

Aqui falaram também de uma questão importante. A questão do mercado para cereais. E disseram que há milho, mas o milho nem sempre é comprado. E deram exemplo de uma aldeia aqui pertinho. E disseram também que nem toda a gente vai viver de tabaco. Está correcto isso. Em parte é por isso que foram apresentados os sete milhões. Eles não podem comprar tudo, mas podem ajudar a comprar algumas coisas para permitir ir resolvendo os problemas de pobreza. Por isso temos mais um desafio para o nosso Conselho Consultivo: enquanto aguarda que chegue alguém que venha investir, ele próprio investir utilizando pessoas que vivem neste distrito e que sabem fazer negócio. As pessoas que devem ser aprovadas para serem emprestadas para fazer negócio devem ser aprovados pelo Conselho Consultivo. O Conselho Consultivo deve saber que é fulano de tal que a gente sabe que vai pagar.

Falou-se também da asfaltagem da estrada principal. A ideia é muito boa. Mas ainda vai levar algum tempo. Eu estava a contar aqui que ainda há muitos lugares onde nos falta estrada e aqui também é um dos lugares onde falta estrada. Mas vamos trabalhando, não vamos esperar pelo asfalto. Vamos trabalhando com os meios que nós temos.

E finalmente, querem HCB aqui. Está correcto o vosso sonho. Vamos ver quando é que vai chegar isso. A nossa ideia é no mais curto espaço de tempo, talvez dentro dos próximos 3 a 4 anos todas as sedes distritais terem energia da Cahora Bassa. Isso é para resolver os nossos problemas. Ainda vai levar algum tempo.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Macanga hoye!*

*(Hoye!)*

Nós trouxemos duas mensagens: Votar: recensear primeiro! A outra mensagem: o combate contra a pobreza está aqui. Recebemos outra mensagem daqui: mostraram os problemas que nós temos. Problemas que se nós resolvermos aqui, vai acelerar o combate contra a pobreza. Nós registamos isso tudo e assim vamos trabalhar.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Muito obrigado! (Palmas)*

## SAUDAÇÃO POPULAR DE TSANGANO – 19 DE ABRIL DE 2007

*Povo Moçambique unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambique unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete hoye!*

*(Hoye!)*

*Província de Tete hoye!*

*(Hoye!)*

*Tsangano hoye!*

*(Hoye!)*

*Tsangano hoye!*

*(Hoye!)*

Quero começar por agradecer. Agradecer por esta festa que estão a fazer. Agradecer por esta vossa massiva presença. Agradecer pelas danças que nós aqui assistimos. **Tchioda** muito bem dançada. Nem dá vontade de acabar. Nyau muito bem dançado. A gente olha, olha, não cansa. Quero agradecer por isso. Mostra que nós somos todos um. Um país do Rovuma ao Maputo. Um país que se está a manifestar aqui em Tsangano, com esta alegria e com este calor. Quero também agradecer a oração que abriu o trabalho. É sempre importante nós termos os nossos caminhos iluminados. E a oração é também uma via para iluminar. Queria informar aqui a todos, que hoje fomos inaugurar a casa da administração. Ali onde vai trabalhar o administrador. Uma casa bonita. Muito bem pintada. Quartos grandes. Um lugar realmente para trabalhar. Mas antes de trabalharmos, antes de inaugurarmos, tivemos oportunidade também de comunicarmo-nos com os nossos antepassados. Os nossos antepassados são as nossas raízes. São eles que nos deram a terra. São eles que nos deixaram as árvores. São eles que nos transmitiram e ensinaram a língua. São eles que nos ensinaram a nossa história. São eles que nos deixaram o tchioda, nyau, nhanga, mapiko, chigubo... todas essas danças que são moçambicanas. As nossas raízes. E aqui tivemos oportunidade também de ter uma cerimónia para comunicarmo-nos com os nossos antepassados para nos darem sorte para podermos trabalhar para o bem deste povo. Aquela administração ali é para trabalhar para o povo. É procurar resolver os problemas do povo.

*Tsangano hoye!*

*(Hoye!)*

Eu tenho poucas mensagens. A minha primeira mensagem tem a ver com eleições. É um apelo que eu faço. Este ano haverá eleições nas províncias. Quando a gente escolhe, está a escolher o futuro. Estamos a escolher aquilo que nós queremos ser. Se queremos ter escola. Se a escola deve continuar a nos ensinar bem. Se queremos aumentar a produção agrícola. Se queremos vender bem os nossos produtos. Se queremos ter bom hospital. Se queremos ter boa estrada. Quando nós elegemos, quando nós votamos estamos a escolher. E estamos a escolher aquilo que nós pensamos que é bom para nós. Por isso, o meu apelo a todos os moçambicanos – aqueles que têm idade de votar – quando chegar o momento de votar, não percam a oportunidade. É preciso ir

escolher. Ir escolher o que é nós queremos para o nosso Moçambique. O que é que nós queremos para os nossos filhos. O que é que nós queremos para a nossa família. É preciso escolher. Escolher é votar. Mas para poder escolher, para poder votar a pessoa precisa de ter o cartão de eleitor. Se não tem o cartão de eleitor não pode votar. Só vota que tem cartão de eleitor. E nós notamos que há muitos moçambicanos que não têm cartão de eleitor. Mesmo quando querem votar não podem votar porque quando chegam ali o nome deles não está e ele não tem cartão de eleitor. Mas para termos cartão de eleitor, este ano vai haver o recenseamento para que aqueles que têm idade de votar possam se recensear. Todos nós – aqueles que tem cartão e aqueles que não tem cartão – quando chegar a vez é preciso ir para lá buscar cartão para podermos votar.

*Moçambique hoje!*

*(Hoje!)*

A segunda mensagem que eu tinha hei-de vos dizer daqui a pouco. Mas estou aqui com dirigentes e acho bom que eles se apresentassem.

(seguem-se as apresentações)

*Moçambique hoje!*

*(Hoje!)*

A segunda mensagem. O governo que nós temos em Moçambique existe para trabalhar para o povo. E hoje em dia, trabalhar para o povo é combater a pobreza. Combater a pobreza é importante porque faz com que aquilo que nós temos na nossa terra seja usado para o bem dos moçambicanos. Aquilo que nós temos na nossa terra, esta terra rica, as árvores, os rios, as montanhas, e sobretudo este maravilhoso povo, tudo isso é para acabar com pobreza. É para resolver um problema central. Aqui na vossa apresentação na mensagem estiveram a dizer coisas que ainda não têm. Uma delas disseram que ainda não há 11<sup>a</sup> classe não há 12<sup>a</sup> classe. É verdade. Não há 11<sup>a</sup> classe, não há 12<sup>a</sup> classe. Mas a população é muita assim e isto mostra que nós somos pobres. Isto mostra que ainda falta algumas coisas dentre nós. Aqui poderiam ter dito também que não tem banco. Banco onde podem guardar dinheiro (**Palmas**) Não ter banco é pobreza. Podia se falar ainda que apesar de a estrada ter sido feita em alguns pontos, ainda há falta de asfalto noutros pontos. Isso é pobreza. É pobreza nossa. Por isso mesmo, nós dizemos que temos que combater a pobreza. O governo está para combater a pobreza. A pobreza que existe no seu povo. E o governo também naturalmente é pobre, porque é governo de um povo pobre. Então, nós todos temos que fazer o nosso combate para acabar com a pobreza. E o que é que nós decidimos como caminhos para acabar com a pobreza? Porque a pobreza não acaba num dia. A pobreza não pode acabar num dia. Até a machamba a gente não cultiva num dia. A gente não cultiva, planta e colhe num dia. Há dias para plantar. Há dias para semear. Há dias para schar. Há dias para afastar os pássaros que querem comer o nosso milho sem terem trabalhado. Há dias para colher. Há para dias colocar no celeiro. Não se pode fazer tudo de uma vez. Mas nós temos que avançar na luta contra a pobreza. Então, o governo escolheu um caminho. E o caminho que escolheu foi:

Para a nossa luta contra a pobreza no país vencer tem que ser feita no distrito. O distrito – aqui onde nós estamos – é onde se deve fazer a batalha contra a pobreza. A população que está no distrito deve melhorar a sua vida. Deve ir resolvendo os seus problemas. Só depois do distrito estar liberto da pobreza é que o povo vai estar livre da pobreza. Portanto, para combater a pobreza, o lugar é o distrito. É por isso que agora estamos todos a trabalhar para criar condições de ter quadros no distrito que possam

servir melhor este nosso maravilhoso povo. Quadros para resolver os problemas do nosso povo. E vocês dizem muito bem: é preciso ter escolas. Então, é preciso ter formar quadros para um dia virem abrirem escola para 10ª classe, 11ª classe, 12ª classe, servir muito bem o nosso povo. Portanto, o distrito. O distrito deve ser um lugar que deve ter quadros, para apoiar aqueles quadros que são muito trabalhadores e que estão convosco.

A segunda questão. Portanto, primeiro é o distrito – é o centro. O segundo: criar o conselho consultivo distrital. O Conselho consultivo distrital é escolhido pela população, a partir da localidade, vai para o posto administrativo e depois vai ao distrito. São pessoas que conhecem o povo. Que vivem com o povo. Que tem machamba como povo. Alguns que ensinam na escola. Alguns que tratam no hospital. Alguns que têm lojas. São pessoas que nós conhecemos. E o trabalho deles é descobrir quais são as dificuldades do nosso povo para depois irem discutir si, dizendo: como resolver este problema? Esta dificuldade que o nosso povo tem. O conselho consultivo é a máquina que deve garantir que nós acabemos com a pobreza no distrito. É por isso que quando há reunião do conselho consultivo, as pessoas falam da água que é necessária. Falam do cabrito que é preciso aumentar. Falam da comercialização do trigo. Falam do tratamento que devemos dar a nossa batata. Falam da necessidade de melhorarmos as nossas casas, para vivermos bem. Aqui constroem-se muito bem as casas, mas tem que ser um bocadinho maiores. Maiores, porque temos terra para podermos viver bem. É uma forma de acabar com a pobreza. Mas estava eu dizendo que o conselho consultivo é o instrumento para nós combatermos a pobreza. E depois o governo fez outra coisa. Pegou em sete milhões e com esse dinheiro o distrito tem que fazer o trabalho de combater a fome, ou melhor, produzir mais comida e produzir trabalho. Aqui nós em Tsangano não temos problema de comida. As pessoas sabem cultivar muito bem. Cultivam muito bem e as vezes o problema é que não conseguimos comprar toda a comida. Então, este dinheiro é para ajudar a resolver o problema, para continuarem a produzir, mas para que aquilo que poder ser comprado, poder chegar a outros a outros lugares: em Tete, na Beira, em Maputo, onde as pessoas têm que comprar comida de fora, enquanto aqui em Tsangano se produz bem. Temos muita experiência de produzir. Por isso, apesar de estarem a produzir muito, temos que aumentar a nossa capacidade de comprar, para continuarem a produzir muito para a comida poder chegar a todos.

Comida e trabalho. Quando se fala de trabalho aqui, nós todos sabemos que temos tantos jovens nossos – alguns tem 9ª classe; alguns têm 10ª classe – estão aí desempregados. Mas eles querem trabalhar. Nós sabemos que querem trabalhar. Então vem aí os sete milhões. Os sete milhões são para ajudar a criar emprego aqui no distrito. São para ajudar a criar emprego aqui no distrito, para os nossos jovens poderem ter emprego. Naturalmente que os sete milhões não vão dar emprego a todos jovens que nós queremos. Mas vai começar a dar emprego a alguns. E se der emprego a alguns, os outros já saberão que daqui a pouco vão ter emprego. Estive aqui a ouvir um sonho que diz que agora que chegar Cabora Bassa aqui – com **guezi** aí – então será mais fácil nós podermos ter fábricas. E porque é fábrica, quer pessoas que trabalhem. E temos que dar vantagens para que as pessoas aqui possam trabalhar. Mas põe-se um problema: dar a quem o dinheiro? Tem que se dar o dinheiro a alguém que sabe que o dinheiro é emprestado. É emprestado, porque tem que pagar. E que nós todos sabemos que essa pessoa é séria, vai pagar. Tem que dar dinheiro a alguém que vai fazer uma coisa que vai produzir dinheiro. Estão a ver? Que vai produzir dinheiro. Por exemplo, se é alguém que tem machamba pequena e quer ter machamba grande – e a gente sabe que trabalha bem – então pode-se comprar junta de bois. E compra-se com esse dinheiro. Mas daí a um ano, ou o tempo que for definido, ele tem que devolver a junta de bois. Ele tem

que pagar. Porquê? Porque dinheiro não se dá. Não se dá dinheiro. Dá-se comida. Dinheiro não se dá. Já encontraram alguém aí na rua dizer eu tenho dinheiro, quem quer dinheiro? Já viram isso? Talvez aqui em Tsangano. **(Não!)** Quando tem dinheiro, prefere pegar no amigo e vai para loja, vai para a barraca. O que é que comer? O que é que beber. E a pessoa pede. Ele mete a mão no bolso. Não dá o amigo. Paga a comida. Dinheiro não se dá! **(Palmas)**

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Então, ele tem que devolver o dinheiro. E depois quando volta o dinheiro, este dinheiro vai ser emprestado a outro, que também vai fazer negócio que vai ser capaz de fazer negócio para pagar. Mas este negócio que esta gente está a fazer, é negócio que para fazer dinheiro tem que empregar pessoas. Empregar pessoas. Então, aí aparecem os nossos jovens. Por isso, quando escolhemos quem é que vamos emprestar dinheiro daqueles sete milhões, escolhemos pessoas ou associações que vão transformar de novo em outro dinheiro, mas também que vão empregar pessoas. E assim vão resolver o problema de comida e de emprego. Quem trabalha recebe dinheiro. Não morre a fome. É por isso que há esses sete milhões. Os nossos dirigentes nos conselhos consultivos deverão continuar a trabalhar para responder a estas questões. Desde o ano passado para cá, há erros que nós cometemos. Nós todos. Não estávamos claros sobre como utilizar esse dinheiro. Agora estamos claros. Aquele dinheiro usa-se para produzir outro dinheiro. E esse dinheiro é devolvido e aquele dinheiro continua a desenvolver-se. Tal como quando temos um filho. A gente quando nasce um filho, depois não dá de comer? Tem que comer até crescer. Tem que ter certeza que a criança vai viver. Também o dinheiro que se empresta, tem que se emprestar a alguém que nós temos certeza que vai devolver o dinheiro. E ele vai continuar a aumentar dinheiro lá onde vai. E o dinheiro que ele devolve é dado a outro para resolver os nossos problemas.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Nós queremos acabar a pobreza. Para acabar a pobreza, o distrito é o nosso centro. O instrumento é o conselho consultivo distrital a apoiar o governo do distrito. E para poder mostrar o caminho: sete milhões para fazer comida e emprego! Esta é a nossa preocupação. Por isso, vamos trabalhar. Havemos de cometer alguns erros ainda. Mas nós confiamos nos nossos conselhos e confiamos no nosso governo distrital para poder avançar e resolver alguns problemas.

O governador disse que eu tinha poucas coisas para falar, ou melhor, que tenho pouco tempo, porque ainda daqui vamos para Dómue, onde temos reunião. E depois de lá vamos para Ulóngue. E tem que ser ainda hoje com o sol ainda a ver-se. Por isso, eu agradeço a vossa presença e eu espero que levem essa mensagem e fiquem com ela. Não faltar ao voto. E para não faltar ao voto é preciso ter cartão de eleitor e estarmos presentes. Segundo: é aqui no distrito onde vai haver desenvolvimento. Esta é a nossa aposta. É a aposta do governo da Frelimo mudar o distrito. Melhorar o distrito. E já disseram algumas coisas que mostram que está a mudar.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Muito obrigado! (Palmas)*